Família, escola, comunidade:

15 anos da OPS Vera Cruz

Joana Canedo e Marília Campos Oliveira e Telles (orgs.)

OPS VERA CRUZ

CASA VERA CRUZ

Joana Canedo e Marília Campos Oliveira e Telles (orgs.)

Família, escola, comunidade:

15 anos da OPS Vera Cruz

CASA VERA CRUZ

São Paulo, 2022

Às voluntárias e aos voluntários da OPS, em especial àqueles que participaram da Comissão Organizadora, pelas horas doadas, recursos mobilizados, ideias trocadas, discussões animadas, chOPS tomados.

Aos nossos filhos, pois foi através deles que nos encontramos.

À equipe da Escola Vera Cruz.

Viva as amizades, viva os bons encontros,
viva o trabalho colaborativo!

Se você quiser ter acesso a um material ainda mais amplo sobre o trabalho da OPS, é só clicar aqui.

Um dos princípios da OPS é não lidar com dinheiro. A OPS não tem tesoureiro, caixa ou conta no banco. Para agradecer aos convidados que vinham graciosamente participar de nossos eventos, a voluntária e cofundadora da OPS, Priscila Nahum – mãe do Victor e da Bettina –, fazia tortas de limão com merengue.

1 **Sobre este livro** 8
Joana Canedo

2 **Apresentação** 15
Marília Campos Oliveira e Telles

3 **OPS!** 27

4 **As iniciativas** 33
.1 Segurança no trânsito e cidadania 34
.2 Debates e palestras 44
.3 Café Solidário 48
.4 Troca Solidária 50
.5 Mais trocas 63
.6 Navegações 66
.7 Vera sobre Rodas 68
.8 Educação para a Rua e Busapé 71
.9 CineOPS 75
.10 Diversidade na Escola 77
.11 Educação antirracista 83

5 OPS em suspensão: a pandemia 89

6 Depoimentos 96

7 Cronologia 121

8 A OPS em nós: um recado 127

9 Participantes 130

1 Sobre este livro

Como toda história, daria para contar a da Organização de Pais Solidários da Escola Vera Cruz, a OPS, de mil maneiras. A primeira questão para as contadoras, organizadoras deste livro, é: "Mas como?". Quando nos dispusemos a fazer isso, nos demos conta da nossa sorte (disciplina, dedicação?) de termos guardados 15 anos de registros, digitalmente e em papel. Um material e tanto!

Então começou nosso mergulho nesse material. O arquivo físico da OPS, em caixas de papelão nas casas de voluntárias, tinha listas de presença de reuniões, panfletos e pôsteres de eventos. Nosso blog (opsveracruz.wordpress.com, com registros importados do antigo blog da UOL) registrava desde atas de reunião até clippings, descrição das atividades e convites para debates, palestras e demais eventos. As mídias sociais guardaram conversas, comentários, trocas de ideias e, é claro, muitas fotos. E, no Google Drive, está documentado o processo por trás das iniciativas – rascunhos de emails, planilhas de voluntariado, apresentações em PowerPoint, arquivos gráficos para impressão e muito, muito mais.

Depois de revirar, reler, refletir, recordar tantos acontecimentos e documentação – e derramar algumas lágrimas com boas lembranças e pequenos aborrecimentos –, precisávamos decidir como organizar tudo para contar uma história que fizesse sentido para quem não estava lá quando tudo aconteceu. Tínhamos duas prioridades: ouvir as vozes das pessoas que participaram da jornada nos 15 anos da OPS e mostrar como nossas iniciativas foram cocriadas, eram conectadas entre si e nos levaram a crescer como grupo e a desenvolver ações que causassem cada vez mais impacto para todos os envolvidos.

Assim, além do material guardado, pedimos e recebemos diversos depoimentos que representam perspectivas variadas. Foram 15 anos

envolvendo gente à beça – muitas mães e alguns pais, alunos, professores, funcionários, coordenadores, diretores, convidados.

Os depoimentos de participantes da OPS – mães de alunos do Vera – são fundamentais para alinhavarmos a história e evidenciarmos como as experiências nos tocaram profundamente – não só em relação à educação dos nossos filhos, mas também em relação à nossa própria educação cívica. Priscila Nahum, Maria Lúcia Gadotti, Claudia Visoni, Patrícia Bove, Elaine Gurovitz, Fernanda Salles, Regina Nogueira e Caroline Chang contam suas versões de diferentes momentos de nossa história.

Ficamos felizes com as mensagens e relatos de representantes da Escola que ainda trabalham no Vera ou que estão em outros momentos de suas histórias profissionais: Stella Mercadante, Heitor Fecarotta, Marcelo Chulam, Jussara Ferreira, Angela Fontana, Regina Scarpa, Ana Maria Bergamin e Eloisa Ponzio. Agradecemos não apenas as palavras que escreveram para este livro, mas sobretudo as conversas e a parceria ao longo dos anos.

Assim este livro foi sendo montado: como uma colagem de documentos – intercalando narrativa, fotos, ilustrações, depoimentos, posts do blog, conversas do Facebook, cartas e tantas outras fontes resgatadas dos diversos arquivos.

Começamos apresentando a OPS para quem não a conhece: como trabalhamos, o que nos move, como nos organizamos e nos comunicamos – e, também, o que não somos e não fazemos. Documentos históricos, como nossa carta de intenções enviada à Escola em março de 2006, juntaram-se a nosso material institucional, oferecendo uma cronologia da Organização. Além disso, contamos a origem do nome da OPS e o papel do chOPS em nosso trabalho – porque ninguém é de ferro.

chOPS

Juliana Mermelstein, Cristina Bonfiglioli, Claudia Visoni, Marília Campos Oliveira e Telles, Maria Lúcia Gadotti e Vinicius Cosso, na casa da Marília.

A Comissão da OPS mantinha reuniões mensais na sala 103 do Verão, abertas a toda a comunidade, para combinar as iniciativas, avaliar as que tinham acontecido, acolher questões trazidas pelas famílias, escolher os temas que seriam objeto de reflexão nos próximos eventos, terminando com a rodada de palavra aberta. Não era preciso inscrição prévia, bastava chegar e participar.

O encontro dessas pessoas não era por acaso: nos unimos por acreditarmos em fortalecer a rede de solidariedade dentro da nossa comunidade, trabalhando para que as reflexões se tornassem ações e pudessem reverberar além dos muros da Escola.

Assim, assunto não faltava. E as conversas se estendiam antes e depois das reuniões formais. A gente sempre saía para tomar um chOPS.

Tinha chOPS com pauta ou sem pauta. Reunião com chOPS ou chOPS sem reunião.

No início, costumava ser no bar do Genésio, na Rua Fidalga, Vila Madalena (que fechou em março de 2021). A padaria Covadonga, na entrada ou saída da Escola, sempre era uma opção – com ou sem filhos. E para uma versão mais gourmet tinha o Empório Alto dos Pinheiros. Como todo resto, decidíamos em consenso aonde iríamos. Quando a Pizzaria Dona Rosa abriu no bairro, acabou virando o ponto de encontro, e tinha gente que ia nos encontrar direto lá, sem passar pela reunião.

E quando a Comissão queria se encontrar com foco para debater algum tema, com tranquilidade e tempo, marcava na casa de um de nós.

Apesar de se caracterizar como uma organização feita por voluntários, tudo que fizemos na OPS envolveu muito trabalho. Essa experiência entrou até para meu currículo, como formadora da minha vida profissional.

Este livro apresenta todo esse trabalho ao longo dos anos, de maneira temática, procurando mostrar como uma coisa foi levando à outra, cada pequena discussão fazendo germinar uma nova ação.

Um trabalho coletivo

Um incidente na porta do Verinha, em 2005, levou famílias a se mobilizarem para que a segurança no entorno da Escola fosse reforçada. Surgiu daí uma campanha de segurança no trânsito e cidadania. As famílias queriam aprofundar a discussão, ouvir especialistas no assunto para terem mais embasamento para lidarem com o que estava acontecendo. Assim, se iniciaram os debates e palestras promovidos por nós.

Em tempos anteriores às redes sociais, a melhor maneira de interagir com mães e pais de diversas unidades e séries, contar o que a OPS estava fazendo e convidar mais participantes era por meio do Café Solidário, um espaço no Grande Arraial, a festa junina do Vera, em que nos juntamos à Escola para arrecadar fundos para seus projetos sociais.

Aos poucos, surgiu a ideia que, posteriormente, se tornou o carro-chefe da OPS: a Troca Solidária. A partir de 2010, nosso papel como famílias que podiam se apoiar, trocar ideias, ser solidárias umas com as outras – além de colocar em prática conceitos de cidadania e consumo consciente – foi ganhando forma e força, e nos levou

a promovermos anualmente a troca de uniformes, pastas, livros e mais trocas, como vestimentas juninas, livros e brinquedos.

Com o surgimento das mídias sociais, ficou muito mais fácil mobilizar mais gente e organizar todos esses eventos tão bacanas. Mas por que tanto medo do uso da internet pelas crianças se a gente conseguia fazer tanta coisa positiva com essa nova ferramenta? O debate "Nossos filhos e o mundo virtual", sobre segurança na internet, deu panos pra mangas – levando-nos a refletir sobre o lado positivo de navegar na internet, com o apoio das famílias. A série Navegações foi nossa primeira experiência de uma comprometida parceria com a Escola. Voluntários da OPS falariam diretamente com alunos do 5º ano, em horário de aula, sobre como navegar com segurança.

Enquanto aprendíamos sobre vida cívica e em comunidade, assistíamos nossos filhos darem seus primeiros passos nas organizações políticas e sociais. Ao se interessar por ser representante de classe do 5º ano, um dos nossos filhos se candidatou com a promessa de organizar passeios de bicicleta com os colegas. Como isso não podia ser feito na Escola, a OPS criou o Vera sobre Rodas, iniciativa que gerou reflexões sobre o uso da bicicleta no dia a dia das crianças, no trajeto para a Escola. Mais do que isso: sobre os benefícios de também oferecermos às crianças uma Educação para a Rua. Isso significava nos apropriarmos mais do nosso espaço público, caminhando até o Vera (Busapé), com brincadeiras e até cinema de rua. O CineOPS começou com uma experiência com o Movimento Boa Praça, apresentando um filme de uma mãe de aluno na pracinha em frente ao Verão.

Essas experiências de rua fizeram nossa ficha cair sobre o quanto nossas famílias estavam isoladas na bolha da classe média branca. As primeiras discussões sobre Diversidade na Escola começaram

em 2013 e foram se aprofundando com as mudanças na sociedade, até chegarmos a 2020, o ano de pandemia, que nos levou a vivenciarmos com mais força do que nunca as iniquidades sociais e raciais. A questão da educação antirracista se tornou mais do que essencial neste momento da nossa história.

Agora, convidamos todos vocês a redescobrirem a história da OPS, explorando a construção dessa rede coletiva de apoio, debate e ação. Esperamos que se divirtam e se inspirem, para que a história continue!

Joana Canedo, mãe do Thomas e da Eliza.

2 Apresentação

> A ajuda autêntica, não é demais insistir, é aquela em cuja prática os que nela se envolvem se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar. Somente numa tal prática, em que os que ajudam e os que são ajudados se ajudam simultaneamente, é que o ato de ajudar não se distorce em dominação do que ajuda sobre quem é ajudado.
>
> Paulo Freire, em *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*.

Em 2021, a OPS Vera Cruz completou 15 anos sem festa, sem reuniões ou encontros, desde o início da pandemia. A bem da verdade, o foco das famílias – aquelas engajadas e compromissadas com a comunidade escolar – estava direcionado na estruturação do projeto de educação antirracista, por meio do grupo Travessias na Educação, formado para apoiar o Vera nesse tão importante ajuste de rota em seu plano político-pedagógico, ainda que com as limitações dos encontros por meio das plataformas audiovisuais.

Objetivos da OPS

Integrar família, escola e sociedade, contribuindo para a formação de nossos filhos, a qualidade de sua educação e o bem-estar de todos.

Para tanto buscamos:

- Refletir sobre o papel da família e da escola na formação das crianças e dos jovens.
- Disseminar valores éticos e de respeito ao outro.
- Debater temas relacionados à convivência familiar e aos desafios enfrentados pela sociedade atualmente.
- Estabelecer um canal de comunicação entre as famílias dos alunos e a Escola Vera Cruz.

À medida que eu mesma me engajava e participava das discussões, dos comitês, dos debates, pude perceber que essas pessoas desconheciam o trabalho de mais de uma década da OPS, no sentido de unir/estruturar as famílias em uma comunidade escolar de fato. Trocando ideias com a professora Iza Anacleto, entendi que esta história, mais do que ser contada, precisava ser registrada para não se perder na posteridade. Por ser uma organização composta pelas famílias – majoritariamente por mães –, suas voluntárias passam e saem da comunidade, de acordo com o ciclo de vida de seus filhos.

Este livro é o registro de uma história com muitas iniciativas que buscavam a conexão e o envolvimento das famílias na educação de seus filhos, a partir do encontro na Escola – e na rua, nas praças, na vida cidadã. Como grupo composto por famílias interessadas em discutir e agir em assuntos relacionados à educação e à cidadania, a OPS propõe-se como "espaço de troca e aprendizado, sob a perspectiva de valorização da vida em comunidade e de ação transformadora a partir da nossa microesfera" como anunciado em nosso blog. Em conexão com uma ideia atualmente muito discutida,

> É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstroem e desconstroem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. [...] partindo das reflexões de Paulo Freire, a consciência crítica é condição indissociável do empoderamento. [1]

Neste livro, organizado por Joana Canedo e por mim, buscamos o reconhecimento público dessa Organização que, por meio de suas voluntárias e voluntários, tanto trabalhou para conquistar um lugar de diálogo e troca horizontalizada com a Escola Vera Cruz e para

1 Joice Berth, em *Empoderamento* (São Paulo: Jandaíra, 2019).

que, ao mesmo tempo, fosse uma estrutura participativa organizada de cidadania, atuando dentro e fora da Escola.

Meus filhos aprenderam na aula de Estudos Sociais – e repetiam em casa, impactados com a constatação – que a História é contada pelos vencedores. Pois bem, cá estamos! Brincadeiras à parte, não se trata, evidentemente, de derrotados ou vencedores – até porque na vida em comunidade é preciso aprender a acomodar os interesses de todos, na medida do possível, sob o risco de toda a comunidade perder. Mas o fato é que nesta história nem sempre as famílias tiveram função de destaque, nem mesmo por meio da OPS.

Para aqueles que chegam agora, é preciso contar que os comitês com representantes das famílias nem sempre existiram na estrutura da Escola Vera Cruz; aliás, sequer havia uma instância de comunicação direta entre a Direção e a Coordenação do Vera com a OPS, tampouco com as famílias organizadas em grupos – o acesso se dava individualmente. Como nos disse Eloisa Ponzio, que foi coordenadora pedagógica do 3º ao 5º ano, numa conversa durante a estruturação desta narrativa, as voluntárias da OPS foram "cuidadosas e perseverantes para que houvesse esse espaço".

Muitas vezes, a OPS era confundida com um "balcão de reclamações" ou como se fosse a "ouvidoria" da Escola, acolhendo, em suas reuniões mensais, as mais variadas e individualizadas demandas. Quando o grupo percebia que havia um assunto que pudesse interessar a todas as famílias, então, de fato, buscava atuar como um canal de comunicação com o Vera, levando-o ao conhecimento da Coordenação e/ou da Direção, a fim de construir conjuntamente uma forma de responder àquela demanda.

Cito, como exemplo, a transição do lanche levado de casa pelos alunos para o lanche coletivo oferecido pela Escola, da Educação Infantil ao 5º

ano, nos idos de 2009 e 2010. Havia mães reclamando que seu filho nunca tinha tomado achocolatado com açúcar; outras, que seu filho ficava com fome; algumas que se queixavam de não saberem como seus filhos estavam sendo alimentados; e famílias querendo que todos os alimentos fossem orgânicos. Levamos a questão à Direção da Escola e pensamos em um encontro da nutricionista responsável com as famílias interessadas em conhecer o programa em mais detalhes – haja vista que já havia acontecido uma reunião promovida pela Coordenação para tratar do tema –, mediado por uma voluntária da OPS. Assim, as tensões foram apaziguadas graças a uma comunicação clara e direta, com o acesso de todos às informações desejadas, com a possibilidade de as famílias serem acolhidas pela nutricionista e, dialogicamente, escutarem o que ela tinha a dizer.

No entanto, a maior parte do engajamento na OPS e o reconhecimento de seu trabalho vieram por meio da Troca Solidária, que consiste em arrecadar pastas, fichários, livros e uniformes em bom estado, ao final do ano letivo, para disponibilizá-los para retirada no início do ano seguinte pelos alunos que quisessem reutilizá-los, em data simultânea à venda dos materiais pela Escola.

A Troca Solidária começou em 2011 com o apoio da Escola limitado a duas mesas e cadeiras de plástico no pátio do Verão, no caminho do salão do 1º andar, onde era realizada a venda do material escolar e uniformes, e carinhosamente chamada de "brechó". Nós, voluntárias, colocamos caixas de papelão nas unidades no fim do ano e recolhemos todas as doações no início das férias, levando-as em nossos carros para a casa da Claudia Visoni. Em janeiro, nos encontramos para selecionar e organizar os uniformes, pastas, fichários e livros doados, levando tudo já preparado para a Escola. No ano seguinte, avançamos: pudemos deixar as doações guardadas na Escola, indo lá organizar nosso "brechó" na véspera do início das vendas – bem antes da compra online.

Somente anos mais tarde pudemos ter a dimensão da Troca em outros aspectos. Como para os professores da Escola, por exemplo, cujos filhos são bolsistas e, com a Troca Solidária, puderam ter acesso aos materiais e uniformes como seus colegas, participando desse movimento de forma integrada, direta e horizontal. Com o aprimoramento da Troca, cujo planejamento passou a ser feito em parceria com a Escola, representada pela paciente e entusiasmada gerente administrativa Jussara Ferreira, a OPS integrou até mesmo a venda virtual de materiais escolares, havendo a opção de escolher materiais sem custo para reutilização e reúso em casa, em 2020. As voluntárias e voluntários separaram as pastas e fichários em melhor estado, carimbando-os, para que fossem enviados àqueles que os solicitaram para reutilização, no modo online. O restante do material coletado foi ofertado na Troca Solidária presencial, como havíamos feito durante os dez anos anteriores, com voluntários que se revezavam em turnos durante os três dias da venda, que ocupava a quadra coberta do Veríssimo, unidade do Ensino Médio na Rua Baumann.

Em 2012, ano em que a OPS propôs alinhar sua relação com a Escola mais formalmente, levamos algumas questões para uma reunião com os então diretores Stella Mercadante, também fundadora do Vera, e Heitor Fecarotta: a Escola apoia as iniciativas da OPS ou é parceira? Se é parceira, então precisa apresentar a OPS oficialmente em seus comunicados, estabelecer um canal de comunicação aberto, com duas reuniões por ano, formalizar sua participação na festa junina e no Feito por Nós (evento de aniversário do Vera), dando os devidos créditos para quem cuida e colabora na Organização. Brincávamos que queríamos que a Escola aceitasse nosso pedido de namoro, para ir além da nossa paquera, que já durava anos.

Como resultado dessa formalização de parceria, o trabalho e a existência da OPS passaram a constar na circular de início de

ano da Escola a partir de 2013 e no site, com a divulgação de seus eventos, inclusive, pelo mailing do Vera.

Entretanto, foi somente no ano seguinte que os números da Troca Solidária passaram a chamar atenção e começaram a ser registrados pela Escola: quando atingimos 29% de reúso dos materiais e uniformes. E, com um terço a menos de materiais sendo vendidos, a Escola precisaria de um almoxarifado maior para guardar o que sobrou, gerando uma questão de ordem prática.

O cálculo do reúso de materiais e uniformes considerava a previsão de material escolar a ser utilizado pelos estudantes (pastas, fichários e outros itens), subtraindo o que não foi adquirido pelas famílias. Em 2014, por exemplo, a previsão era de 18.309 unidades. Como sobraram 5.412 unidades no estoque da Escola, 29% dos itens foram reutilizados.

Em 2016, ao completar 10 anos, a OPS tinha uma boa estrutura e programação, suportada por um número maior de voluntários fixos, que formavam um "núcleo duro" – a Comissão da OPS – e se dividiam para executar as ações planejadas pela Organização. Logo no início do ano, comemoramos o melhor resultado da Troca Solidária até então, atingindo o ápice da reutilização dos materiais escolares por meio dessa iniciativa: 43% de reúso.

Começamos a comemorar nossa primeira década de existência com extensa programação: em janeiro, Troca Solidária; em fevereiro, Troca de Livros; em abril, Vera sobre Rodas e CineOPS – dessa vez ampliando as parcerias e fazendo a exibição do filme *O Brasil da Pré-História* no auditório da Unibes Cultural, com palestra do diretor –

e pai da Escola – Tulio Schargel; em maio, encontro "Aprender a caminhar & caminhar para aprender", com participação do Coletivo Apé – estudos em mobilidade e de Carolina Padilha, criadora do Carona a Pé. Ainda no 1º semestre, em junho, promovemos a Troca de Roupas Juninas e o Café Solidário no Grande Arraial. No 2º semestre, em setembro, promovemos o Café Solidário no Feito por Nós; em outubro, a Troca de Brinquedos na praça e o evento comemorativo dos 10 anos da OPS: "Família, escola e comunidade: fronteiras da educação", "uma roda de conversa para refletir sobre o desafio de construir uma cultura solidária, por meio da trajetória da OPS, para saber mais a respeito dos projetos sociais da Escola e para pensar sobre ética, empatia e educação", segundo dizia a descrição do evento, com participação de Terezinha Azeredo Rios, Stella Mercadante e das representantes da OPS.

Depois de um ano tão intenso e rico, 2017 começou com sensação de ressaca, nos levando a uma reflexão sobre a pequena participação direta de pais e mães, proporcionalmente à quantidade de alunos, nas ações e eventos.

"Para todos é consenso que o objetivo da OPS não é 'sucesso de público' numericamente, mas essa falta de engajamento provocou perguntas. Nos perguntamos se a OPS, em certo sentido, não é um 'lugar de resistência', de marcar posição com relação a valores, atitudes, posturas de fazer junto, relações que queremos nutrir no mundo. Nos perguntamos também se seria o caso de sondar os interesses da comunidade do Vera, pais e alunos, para ver se daí surgem novas iniciativas que possam contar com um envolvimento maior."

Ata da reunião, 23 de março de 2017.

O trecho em destaque é um registro, no nosso blog, da ata da reunião de 23/3/2017, momento de avaliação da Troca Solidária e da Troca de Livros. A bem da verdade, não chegamos a uma conclusão de fato, mas fomos tentando ajustar nossa atuação e aprender com a chegada de novas mães, que queriam conhecer, contribuir e participar da Organização. Criamos a estrutura de "uma mãe por sala" para capilarizar as informações que circulavam na OPS, bem como os convites para reuniões e eventos. O WhatsApp se tornava uma poderosa ferramenta de comunicação, substituindo, na prática, o grupo que se comunicava com a comunidade por meio do Facebook. Por um lado, eram pouco numerosas as famílias de fato engajadas no trabalho da OPS; por outro, com a mudança na estrutura da Direção da Escola e a chegada da educadora Regina Scarpa, a parceria entre a Organização Solidária e a Escola se fortalecia e frutificava.

Nesse contexto, foi uma imensa alegria quando, em agosto de 2019, os alunos do Ensino Médio, por meio do Grêmio da Construção Coletiva, organizaram, com a Coordenação do segmento, a palestra do psicanalista Christian Dunker, "Crescimento e sofrimento psíquico na adolescência". Dunker começou contando que já havia falado na Escola a convite da OPS, anos antes. Porque a sensação que nós tínhamos, até pouco tempo, era de que a Direção do Vera pouco se importava com as iniciativas da OPS, pois sequer se dava ao trabalho de comparecer às palestras e desconheciam os convidados. Naquele evento, tivemos o reconhecimento público pelo palestrante, que falava para uma plateia lotada, composta por famílias, corpos docente e discente, funcionários, orientadores, Coordenação e Direção.

Meses depois, na formatura do Ensino Médio, veio a grande surpresa com a fala da diretora pedagógica Regina Scarpa, ao agradecer e homenagear a OPS, me chamando ao palco para receber flores, em nome de todas voluntárias e voluntários. Foi

a primeira vez na vida que fiquei literalmente sem palavras. Subi ao palco, recebi o vaso e só consegui balbuciar "obrigada", entre lágrimas. Reconhecimento importa e aquele foi o primeiro reconhecimento público da Direção da Escola do trabalho desenvolvido pela OPS ao longo de mais de uma década.

As pessoas que formavam a Comissão da OPS, assim como outras que participavam das iniciativas como voluntárias, dividiam a ideia de que a Organização serviria para o fortalecimento do senso de comunidade, conscientes de que a transformação social que entendemos necessária precisa do coletivo para acontecer, pois não basta que os indivíduos se transformem sozinhos. Somente a representação coletiva, por meio de estruturas participativas organizadas autonomamente, é que pode movimentar e promover mudanças na comunidade/sociedade.

Olhando retrospectivamente, entendo que o Grupo de Diversidade, que nasceu na OPS, foi a iniciativa que conquistou o envolvimento da comunidade, crescendo e ganhando autonomia como Projeto Travessias na Educação, depois incorporado pela Escola, e mantidos os comitês com participação das famílias, no contexto de uma branquitude que acordava para a necessidade de usar seus privilégios para diminuir as desigualdades da nossa sociedade, começando pelo nosso microcosmo.

Desse modo, durante o ano de 2020, a OPS promoveu com a Escola diversos eventos para tratar de temas envolvendo o projeto de educação antirracista.

Assim, é importante pontuar que o Grupo de Diversidade se reuniu pela primeira vez ainda em 2013 e que a OPS promoveu, em maio de 2014, o encontro "Desigualdade racial, socioeconômica e educação: do problema à prática", com a participação de Christian Dunker,

Mariana Fix, mãe de estudante da Escola e então professora no Instituto de Economia da Unicamp, e Claudia Siqueira, diretora do Instituto Sidarta. Foram necessários alguns anos de decantação para transformarmos ideias em "efetiva-ação" – além, é claro, da mudança na estrutura da Escola, para que estivesse permeável e disponível para assumir as "transforma-ações" imprescindíveis.

E o futuro da OPS?

Paulo Freire nos ensinou que a pedagogia precisa ser exercida sem fronteiras impostas, para que possa ser pensada em uma rede de solidariedade, que, afinal, sempre foi o propósito da OPS. Assim como para Claudia Visoni, a OPS também foi minha escola de ativismo e abriu horizontes para participação em outros espaços de organização comunitária. Como escreveu Antonio Faundez, em *Por uma pedagogia da pergunta*, "creio que a revolução começa justamente na revolução da vida cotidiana".

Talvez esta narrativa pudesse ter como subtítulo "Da ilha à travessia". Partindo da OPS, organização estruturada pelo trabalho voluntário, sem lidar com dinheiro, tendo como lemas "A gente faz quando pode" e "Quem tem a ideia executa", surgiu o Grupo de Diversidade, que passou a ser uma organização paralela e autônoma, a Associação Travessias, que colocou em pé, com a Escola, o Travessias na Educação, projeto político-pedagógico para implementação de educação antirracista. Um de seus pilares são as bolsas de estudos para alunos negros e indígenas, cuja captação de doações foi organizada por essa Associação e, posteriormente, incorporada pela Escola.

Hoje, cabe às novas voluntárias escolher os caminhos a serem seguidos pela OPS. Meus filhos terminaram o ciclo da Educação

Básica. Sigo acompanhando nas redes sociais e celebrando a Troca Solidária, bem como a Troca de Livros na praça, que aconteceram no início de 2022.

Mas deixo aqui uma ideia. Percebo que a OPS precisa atualizar sua denominação – já se foi o tempo em que nós, mães, nos sentíamos incluídas na palavra "pais" (citando a Joana). Assim, sugiro a Organização das Phamílias Solidárias, mantendo o acrônimo, a chamada "OPS!", mas em harmonia com o caráter inclusivo e diverso que suas ações sempre tiveram.

Desejo vida longa à OPS, para que continue sendo ponto de encontro e de troca – principalmente de ideias –, proporcionando saberes e experiências, no modo preciso, como elaborado por Jorge Larrosa, em Notas sobre a experiência e o saber de experiência:

> Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. [...] O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. [2]

Marília Campos Oliveira e Telles, mãe do Pedro e do Bento.

2 Jorge Larrosa Bondía, em "Notas sobre a experiência e o saber de experiência" (*Revista Brasileira de Educação* [online], n. 19, p. 20-28, 2002).

3 OPS!

Intenções

A Organização de Pais Solidários (OPS) Vera Cruz é uma associação de mães, pais e responsáveis por alunos da Escola Vera Cruz, na cidade de São Paulo. A OPS foi criada em setembro de 2005 por um grupo que enxergava a necessidade de estimular a troca de experiências sobre temas relacionados à educação.

A organização foi oficializada em março de 2006, com uma carta de intenções enviada à Direção do Vera, na qual afirmava seus objetivos. Desde então, pais e mães interessados reúnem-se regularmente na Escola para discutirem tais objetivos e promoverem ações concretas visando o bem comum.

A OPS tem como premissa colaborar para a melhoria, não só da qualidade do ensino, mas também da formação social dos alunos. Nossa intenção é que os pais e a Direção do Vera possam nos reconhecer como um canal de comunicação entre ambos.

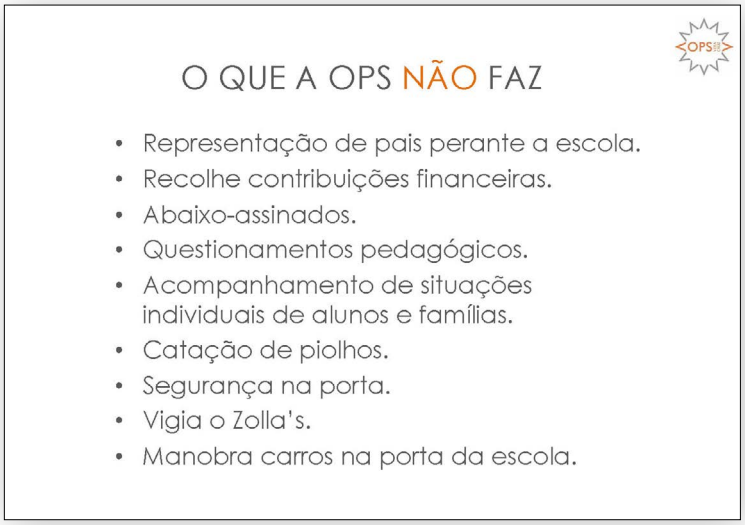
Como trabalhamos

A Organização é aberta a todos que queiram se envolver com questões de interesse da comunidade escolar. A participação é voluntária.

Características:

- Frentes de trabalho horizontais e auto-organizada.
- Encontros periódicos para propiciar troca de ideias, acolher novos interessados, definir e organizar as atividades.
- Decisões coletivas.

- Comissão Organizadora que coordena o trabalho: quem quiser participa e passa a assumir papéis e compromissos mais definidos, acordados pelo grupo.



O que nos move

Como grupo composto por famílias interessadas em discutir e agir em assuntos relacionados à educação e à cidadania, a OPS se vê como espaço de troca e aprendizado, sob a perspectiva de valorização da vida em comunidade e de ação transformadora a partir de nossa microesfera. Ao longo dos anos, a proposta evoluiu com o grupo de voluntários e, hoje, abrange:

- Assuntos ligados à educação, no sentido amplo, e à parentalidade.
- Pautas que emergem na sociedade contemporânea (desenvolvimento humano, ética, cidadania, sustentabilidade, bem comum).

- Atividades de encontro e diálogo, palestras, rodas de conversa.
- Envolvimento na vida escolar, com trabalho voluntário nos eventos da Escola.
- Equidade racial na educação, entendida como um bem público, e busca da reparação das desigualdades de raça.
- Comunidade escolar como um espaço de referência para o combate ao racismo estrutural, bem como qualquer discriminação de gênero, origem ou religião.

Nossa Organização

Sempre optamos por ser uma organização horizontal e orgânica, sem cargos ou estrutura rígida. Somos todos voluntários – mães, pais, educadores, membros da comunidade que querem fazer parte do grupo e se dedicar às atividades.

Comissão Organizadora foi o nome que demos ao grupo mais sólido que participava mais ativamente da coordenação das atividades, incluindo os canais de comunicação e as reuniões com a Escola. Os membros da Comissão variaram conforme os filhos iam crescendo e a disponibilidade de cada um.

Como nos comunicamos

Assim como a vida, os meios de comunicação da OPS também evoluíram. Dos panfletos na porta da Escola aos grupos de WhatsApp.

Começamos a vida online com um blog do UOL, em 2006: www.opsveracruz.blog.uol.com.br. A partir de 2011, o principal meio

de comunicação da OPS era o novo blog no Wordpress: opsveracruz.wordpress.com.

Com o advento do Facebook, criamos uma página comunitária e um grupo: "Espaço para as Trocas Solidárias permanentes da OPS Vera Cruz: livros, uniformes, caronas, ideias e muito mais".

Um perfil no Instagram foi criado, mas não pegou.

A Comissão da OPS criou seu primeiro grupo de WhatsApp em agosto de 2016, e a mensagem inaugural de Vinicius Cosso foi a seguinte: "Resistimos ao máximo, mas esse dia era inevitável... Temos agora um grupo de WhatsApp. Vamos concentrar os contatos nos emails, mas quando precisarmos falar com todos da Comissão com rapidez, pode ser por aqui". Naquele momento, não imaginávamos como essa ferramenta se tornaria onipresente em nossas vidas.

Em 2018, com a chegada de novas voluntárias, começamos a usar o WhatsApp como ferramenta de comunicação tendo em mente a ideia de "uma mãe por sala", a fim de que todas as iniciativas da OPS chegassem ao conhecimento direto das famílias.

Reunião da sala 103 do Verão (Ensino Fundamental II), em 2017.

Ainda funcionam

Email: opsveracruz@uol.com.br

Blog: opsveracruz.wordpress.com

Facebook: @opsveracruz (página comunitária)

Facebook: OPS Vera Cruz – Trocas Solidárias (grupo)

Troca Solidária Virtual

A OPS Vera Cruz pensou em estender para o ambiente virtual a iniciativa Troca Solidária, que fez tanto sucesso durante o período de venda de material, em janeiro de 2011 e 2012.

A ideia é tornar nossas Trocas Solidárias permanentes: livros didáticos e paradidáticos, uniformes, materiais, sucata, caronas, ideias e muito mais. Nossa proposta é evitar compras desnecessárias e valorizar os princípios da sustentabilidade e do consumo consciente. Mas principalmente aproveitar a nossa comunidade.

Para isso foi criado um grupo no Facebook. Experimente!

Mas nada como os velhos encontros presenciais! Durante anos, a OPS organizou dezenas de reuniões ao vivo e em cores, no Vera, no Veríssimo, na praça, nas ruas do bairro e em outros cantos – da Fundação Acorde (em Embu das Artes) à Unibes Cultural (no Sumaré), da Praça Amadeu Decome (na Lapa) ao Clube Alto de Pinheiros.

4 As iniciativas

4.1 Segurança no trânsito e cidadania

Pag. 12

Cidadania no trânsito e boa convivência nos espaços públicos

Maria Lúcia Gadotti distribui panfletos da campanha.

O nascimento da OPS foi motivado por uma questão de segurança, um "assalto que levou pânico à Escola Vera Cruz". A questão que inicialmente havia focado no problema de segurança pública foi repensada pelos pais, que se reuniram por meses após o incidente e formaram o primeiro grupo de voluntários da OPS. Esse grupo optou por focar a energia das famílias no respeito à segurança do trânsito e a relação com veículos e pedestres ao redor das unidades do Vera Cruz.

Após meses de discussão e preparação, a primeira campanha da OPS, "Só um minutinho", aconteceu em setembro de 2006.

Em 2013, o tema voltou à nossa pauta com força total!

A OPS enviou email às famílias e fez este panfleto:

TRÂNSITO NO ENTORNO DA ESCOLA VERA CRUZ

Unidades Verão (EF 2 e 3), Alvilândia (EI) e Inglês

Os pais de alunos da Escola Vera Cruz estão muito preocupados com a segurança no trânsito no entorno das diversas unidades da escola.

Nas avenidas Nazaré Paulista, Alvilândia e D. Elisa de Moraes Mendes, a velocidade dos carros é sempre muito alta e há poucas indicações de que há diversas escolas nas redondezas.

Nas ruas residenciais do entorno – Vitorino de Carvalho, Dr. Nova Gomes, Guilherme Moura –, os veículos não respeitam a proximidade de escolas e trafegam em alta velocidade. Também estacionam em faixas de pedestres e portas de garagens.

Além disso, nessas ruas, o trânsito se torna caótico nas horas de entrada e saída de alunos pela falta de planejamento. Filas duplas, carros na contramão, cruzamentos completamente atravancados são a norma nessas ocasiões.

Assim sendo, pedimos aos órgãos competentes – CET e Subprefeitura de Pinheiros – que adicionem sinalização, redutores de velocidade e revejam a circulação do trânsito no entorno das unidades da escola.

Abaixo, um croqui com as sugestões de pais e responsáveis pelos alunos da escola para a melhoria do trânsito no local, que inclui:

- 6 placas "Área de Segurança Escolar"
- 4 placas "Velocidade máxima 30 km/h"
- 3 sinalizações horizontais: "Escola"
- 6 lombadas físicas
- 2 lombadas eletrônicas
- 1 faixa de pedestre
- Mudança de sentido de duas ruas, para que se tornem ruas de mão única

Abril de 2013

OPS VERA CRUZ

(Organização de Pais Solidários Vera Cruz)

Já em 2014, com voluntários engajados e em número suficiente para propormos ações conectadas à sociedade civil, pudemos atuar concretamente, mais uma vez. A Semana da Mobilidade, em setembro, ofereceu oportunidade para discutirmos esse tema no Vera, de uma maneira mais abrangente, não apenas quanto ao trânsito de carros.

Assim, três atividades foram sugeridas:

Sensibilização

Segunda-feira, dia 22/9, é o Dia Mundial sem Carro. Vamos fazer um esforço para ir sem carro para a Escola? Que tal pegar um ônibus? Ou ir de bicicleta? Ou mesmo a pé? Será que vale o esforço de sair uma hora mais cedo de casa e mostrar para nossos filhos como é o transporte coletivo na nossa cidade? Veja aqui as dicas dos Bike Anjos para esse dia.

22 DE SETEMBRO
Dia Mundial sem carro

O que você pode fazer no Dia Mundial Sem Carro?

1 ENVOLVA PESSOAS

2 PROMOVA

3 MOBILIZE

4 DOCUMENTE

BIKE ANJO
Dia Mundial sem carro
bikeanjo.org

Mobilização

Um grupo de pais e mães vai se reunir na próxima quinta-feira, 25/9, às 18h00, para discutir planos para o trânsito e a mobilidade no entorno da escola: pedidos para a CET, campanha para os horários de entrada e saída, ações com pais e a escola etc. Junte-se a nós!!!

Ação

Vamos agir sobre um dos maiores problemas do entorno da escola: a ausência e o desrespeito às faixas de pedestre. Começamos fazendo um pedido para a CET colocar uma faixa de pedestres na esquina da Rua Prof. Nova Gomes com a Praça Profa. Emília Barbosa Lima. E para não esperar parados que a CET atenda ao pedido, no sábado, 27/9, das 10h00 às 12h00, pintaremos nós mesmos uma faixa temporária. Teremos tintas e rolos. Crianças e adultos bem-vindos!!!

Uma faixa de pedestres perto da Escola

Não havia faixa de pedestres em uma das esquinas perto do Verão, na Rua Prof. Nova Gomes com a Praça Profa. Emília Barbosa Lima. Isso, além de provocar insegurança para as crianças e adultos, que entram e saem a pé da Escola, ainda "sugeria" que se podia deixar o carro estacionado bem ali, na esquina.

Ora, mesmo sem a faixa de travessia pintada, o Código Brasileiro de Trânsito diz, em seu artigo 181, que estacionar o veículo nas esquinas e a menos de cinco metros do bordo do alinhamento da via transversal é uma infração sujeita a multa. Além de ser desrespeitoso com os pedestres.

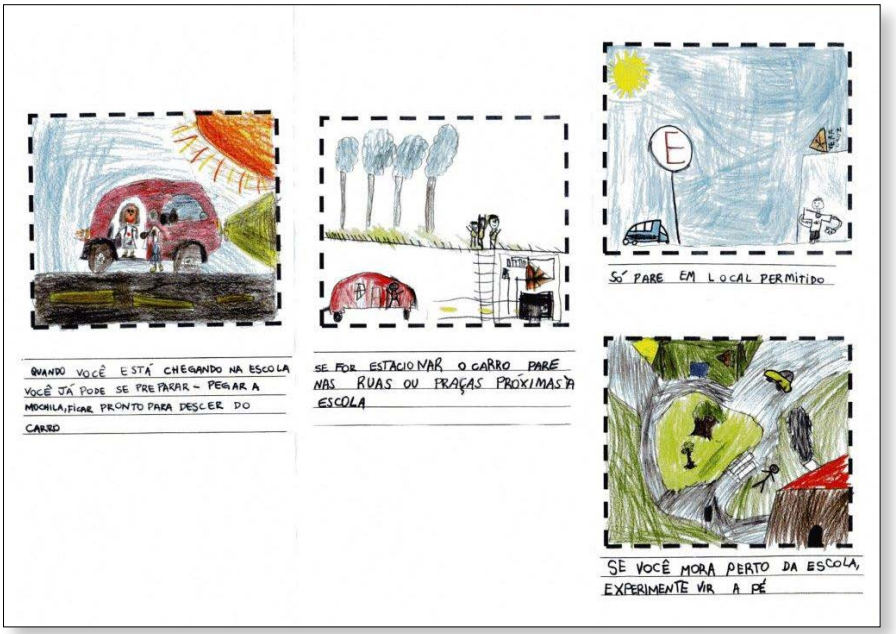
Por isso, resolvemos pedir para a CET a pintura dessa faixa – e também fizemos uma campanha sugerindo às famílias que fizessem o pedido diretamente no SAC da Prefeitura, enviando um passo a passo por email.

Mas, enquanto a CET não chegava, resolvemos fazer nós mesmos o trabalho. E a travessia ficou mais segura, confortável, e os carros não estão mais parando na esquina.

Elaine Gurovitz, Juliana Mermelstein, filhos e outras voluntárias pintam a faixa de pedestre.

Valia a pena sinalizar o espaço e lembrar aos condutores as regras do Código de Trânsito Brasileiro. Inspirados no lindo projeto de trânsito realizado pelo 2º ano do Verinha, em 2014, produzimos uma placa com o desenho de alunos do 2º ano, conforme acordo com a Coordenação do EF, nível 1.

A placa foi colocada junto à nova faixa – e também na esquina da Rua Guilherme Moura com a Alvilândia, onde a incidência de carros indevidamente parados nos horários de entrada e saída das turmas de Educação Infantil era bem alta.


QUANDO VOCÊ ESTÁ CHEGANDO NA ESCOLA VOCÊ JÁ PODE SE PREPARAR - PEGAR A MOCHILA, FICAR PRONTO PARA DESCER DO CARRO
SE FOR ESTACIONAR O CARRO PARE NAS RUAS OU PRAÇAS PRÓXIMAS À ESCOLA
SÓ PARE EM LOCAL PERMITIDO
SE VOCÊ MORA PERTO DA ESCOLA, EXPERIMENTE VIR A PÉ

SE TEM COLEGAS QUE MORAM PRÓXIMOS À SUA CASA VOCÊ PODE COMBINAR CARONA COM ELES
NÃO VÁ
AO CHEGAR NA ESCOLA PELO CORREDOR DE ACESSO, PASSE PELO PORTÃO DO 1º ANO, NÃO PELA SECRETARIA
ALUNOS DO 2º ANO – 2014
VERACRUZ
COOPERE COM O TRÂNSITO. RESPEITE O CORREDOR DE ACESSO

Os alunos do Verinha estavam organizando uma caprichada campanha sobre o trânsito nos horários de entrada e saída da Escola. O trabalho pedagógico tinha começado com uma enquete sobre como cada criança ia e voltava da Escola e concluía com a produção de material de campanha para o problema que eles haviam identificado: os adultos que traziam as crianças para a Escola não estavam respeitando as regras e causavam problemas no trânsito e insegurança para todos.

No ano anterior, em 2013, a questão com a segurança, no sentido de prevenção de assaltos, roubos e furtos, havia ressurgido na OPS, motivando uma rica discussão sobre os limites de atuação e responsabilidade da Escola e da importância da participação ativa das famílias, exercendo sua cidadania. É importante lembrar que há previsão legal para a Área Escolar de Segurança, que envolve o poder público (CET, Polícia Militar, Guarda Civil) e os espaços oficiais de participação social.

Assim, convidamos toda a comunidade para participar, junto com representantes da OPS, do Conselho de Segurança da Subprefeitura de Pinheiros (Conseg-PI).

Leia também texto publicado no blog da OPS.

Segurança no entorno da Escola: vamos ao Conseg-PI

A partir da participação no Conseg-PI e do encontro com famílias de outras escolas da região de Alto de Pinheiros, a OPS criou um comitê para tratar do tema Segurança, dentro do nosso entendimento da importância de envolver a comunidade e sermos sujeitos ativos exercendo nossa cidadania, inclusive como parte da educação de nossos filhos.

OPS cria comitê de segurança e convida outras escolas de Pinheiros para participar

Devido à preocupação de muitos pais com a questão da segurança no entorno da Escola, a OPS montou um comitê interno para tratar desse tema e, por entender que os encaminhamentos nessa área devem ser pelo viés público, convidou outras escolas do bairro de Pinheiros para comporem um grupo e promoverem ações conjuntas. Além do Vera Cruz, fazem parte até agora representantes das escolas Santa Clara, Hugo Sarmento, Rainha da Paz e Santa Cruz. O grupo está aberto à participação de todas as escolas do bairro, incluindo as públicas. Os pais do Vera Cruz que quiserem fazer parte desse comitê devem escrever para opsveracruz@uol.com.br.

Parte das ações desse grupo consiste em participar das reuniões do Conselho de Comunitário de Segurança de Pinheiros (Conseg-PI), fórum de participação popular no qual as instituições responsáveis pela segurança nos espaços públicos (polícias Civil e Militar, Guarda Civil Metropolitana – GCM –, Subprefeitura, CET) se reúnem com representantes da comunidade para avaliar quais devem ser as prioridades na área de segurança na região compreendida entre a City Boaçava e o Itaim. O grupo solicitou à GCM uma reunião exclusiva com os policiais para relatar ocorrências nos entornos das escolas e solicitar maior frequência da polícia nos locais próximos às escolas.

As reuniões do Conseg-PI acontecem todas as primeiras segundas-feiras do mês e são abertas a todos que moram ou frequentam a região. Na próxima reunião, dia 6/5/13, às 19h30, será a eleição da chapa para a nova diretoria comunitária para o biênio 2013-2015, que conta com mães das escolas Vera Cruz e Hugo Sarmento, além de diversos moradores ativos do bairro.

12 de abril de 2013

Publicado no blog da OPS.

O Comitê seguiu trabalhando, e em setembro escreveu uma carta aberta à Direção da Escola, para apresentar o escopo das ações do Comitê de Segurança Escolar. Em novembro, outra carta foi enviada à Educação Infantil e Ensino Fundamental, em forma de uma proposta, sempre buscando o trabalho em parceria com a Escola.

Preparação para a pintura da faixa de pedestre na esquina da Rua Professor Nova Gomes — Elaine Gurovitz, Marília Campos Oliveira e Telles, Joana Canedo, Maria Eduarda Hasselmann e Fernanda Salles.

4.2 Debates e palestras

Pag. 12

PROGRAMAÇÃO 2008

6 de março, das 20h às 22h
VAMOS FALAR SOBRE NOSSOS ADOLESCENTES?
Maurício Souza Lima, médico hebiatra e autor de *Filhos Crescidos, Pais Enlouquecidos*

A adolescência chega de repente e nós, pais, encontramos em casa uma pessoa muito diferente do menino ou da menina que conhecíamos tão bem. Sabendo mais sobre as mudanças físicas e emocionais dessa fase, é possível reduzir os conflitos, cuidar melhor da saúde dos nossos filhos e oferecer a ajuda e os estímulos mais adequados para que eles se desenvolvam bem e consigam lidar melhor com as angústias que surgem inevitavelmente.

19 de maio, das 20h30 às 22h30
CONVERSANDO SOBRE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS
Ilana Pinsky, psicóloga e professora da pós-graduação da UNIFESP.

Álcool, cigarro, maconha, ecstasy & companhia estão por aí, não dá para negar. Adianta falar disso com os adolescentes? Até onde respeitar a privacidade deles? Existe um "jeito certo" de agir com os filhos em relação a esse assunto? Quais são os fatores de risco e os fatores de proteção quando se pensa em dependência química? Uma coisa é certa: vale a pena os pais se informarem e trocarem idéias sobre esse assunto.

Para saber mais, acesse o blog http://opsveracruz.blog.uol.com.br.
Para entrar em contato envie um e-mail para opsveracruz@uol.com.br

ALGUMAS REALIZAÇÕES

Set/06 - Campanha Só um Minutinho, enfocando a educação para o trânsito e as questões relacionadas à ocupação do espaço público no entorno da Escola Vera Cruz.

Nov/06 - Mesa-redonda "A Convivência é o Oposto da Violência", com a participação de Denis Mizne (fundador e diretor executivo do Instituto Sou da Paz), de Yves de la Taille (especialista em Psicologia Moral) e Marcelo Suzuki (urbanista).

Quando algum tema aparece de maneira recorrente nas reuniões ou no cotidiano da Escola, procuramos discuti-los com mais vagar, buscando entender todas as partes envolvidas e encaminhar uma resolução adequada. Esses encaminhamentos, trabalhados em pequenas comissões dentro do grupo, podem se tornar um evento aberto aos pais, uma reunião entre pais e o Vera, uma campanha, uma mudança de política.

Duas vezes por ano promovemos palestras, que abrem espaço para discussões mais abrangentes sobre diversos temas do nosso mundo contemporâneo, tais como:

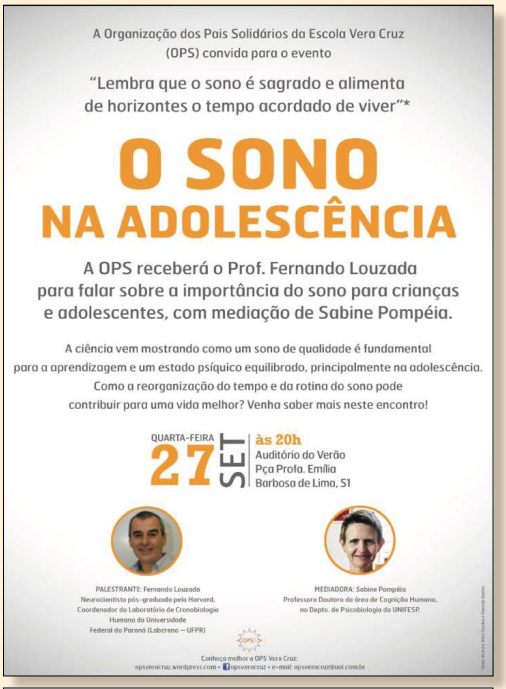
- O uso do espaço público x privado.
- O aumento do uso de drogas na juventude.
- Violência.
- Exercício da cidadania.
- Construção da autonomia dos alunos.

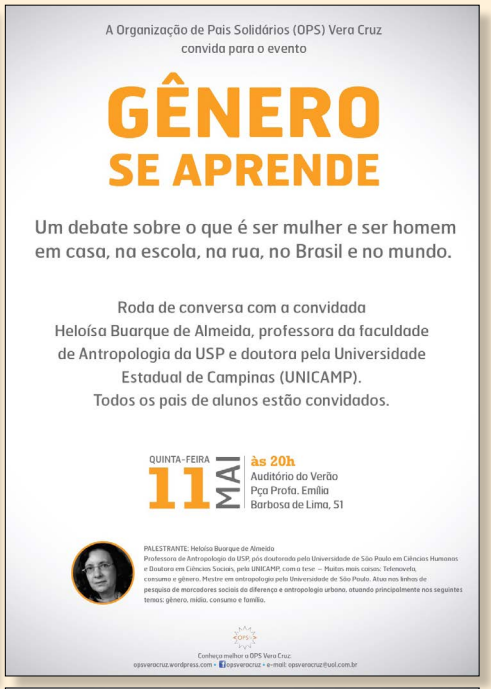
A OPS Vera Cruz convida, periodicamente, especialistas de diversas áreas para palestras, debates e mesas-redondas sobre temas relacionados à educação, ética e cidadania.

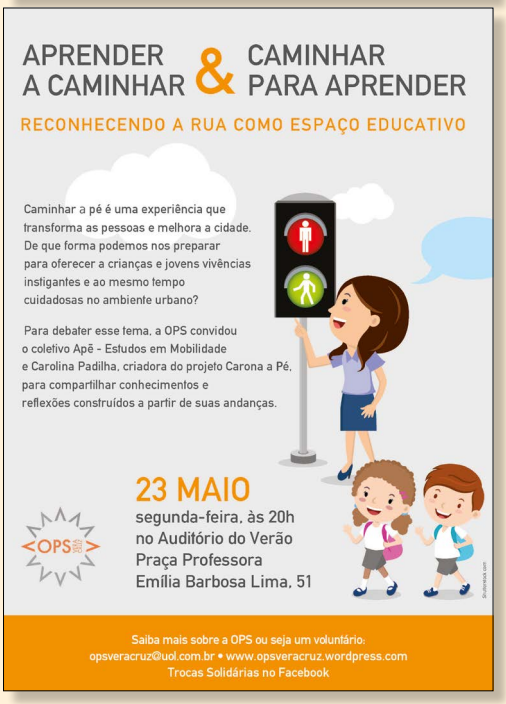
De 2005 a 2020, a OPS promoveu mais de 30 eventos para pais e educadores.

Leia o depoimento de Maria Lúcia Menezes Gadotti, fundadora da OPS, que muito contribuiu para a organização de muitos desses eventos.

Sala de Reuniões do Verão em dia de evento da OPS.







Identidade visual da OPS, criada e desenvolvida por Juliana Mermelstein.

OPS VERA CRUZ

Convida para a conversa

> Como lidar com os conflitos entre as crianças?"

Nossos filhos estão brigando mais ou nossa percepção sobre o mundo mudou? Vivemos uma crise de valores que estimula o confronto entre os indivíduos ou esse é um problema sugestionado pela mídia? Família e escola podem se unir para evitar conflitos? Até que ponto as brigas são aceitáveis?

COM A PARTICIPAÇÃO DE

Lidia Rosenberg Aratangy

Formada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde também é catedrática há mais de 30 anos. É terapeuta de famílias desde 1978 e autora de mais de 20 livros sobre educação e relações interfamiliares, entre os quais *Novos Desafios da*

Escola Vera Cruz
Pç. Profa. Emilia Barbosa Lima, 51
Auditório

18 de outubro,
quinta-feira,
das 20h30 às 22h30.

A perspectiva das eleições mais desafiadoras desde a redemocratização interfere diretamente no dia a dia de nossos filhos e filhas, em suas relações com colegas, professores e com o espaço público.
De que forma podemos nos preparar para entender a educação dentro e fora da escola neste período histórico turbulento?
Qual o papel da comunidade escolar na construção do caminho democrático?

Venha para uma conversa organizada por mães e pais do Vera com apoio da OPS – Organização de Pais Solidários

Convidados para falas iniciais:

NATACHA COSTA
Psicóloga formada pela PUC-SP, diretora da Associação Cidade Escola Aprendiz. Faz parte da comunidade ativadora do programa Escolas Transformadoras no Brasil.

BERNARD APPY
Economista e diretor do Centro de Cidadania Fiscal

RICARDO TEPERMAN (Mediação)
Doutor em antropologia, editor na Companhia das Letras e um dos organizadores do movimento Quero Prévias

Dia 23 de outubro, terça-feira, das 20h às 22h
Escola Vera Cruz – Unidade do Ensino Médio
Rua Baumann, 73, Vila Leopoldina

OPS VERA CRUZ

OPS Vera Cruz convida para o evento

A CRISE DA ÁGUA

O que podemos fazer como pais, educadores e cidadãos para enfrentar a escassez de água e construir soluções de curto e longo prazo?

A nossa cidade e dezenas de outros municípios do estado vivem uma crise hídrica sem precedentes, que ameaça o abastecimento de água e pode levar ao colapso urbano e econômico. Por outro lado, esta situação pode significar uma oportunidade histórica de transição para um manejo sustentável e responsável deste recurso fundamental.

Convidamos especialistas e ativistas da causa para debater conosco esse assunto urgente e ajudar a comunidade Vera Cruz a se tornar parte da solução. Acreditamos que a educação tem um importante papel a cumprir neste quadro e por isso, convidamos os pais a trazerem seus filhos para o debate.

TERÇA-FEIRA **21 OUT** | **às 20h30**
Auditório do Verão
Pça Profa. Emília
Barbosa de Lima, 51

PALESTRANTES:

Samuel Barrêto é biólogo com mais de 20 anos de atuação nas áreas de gestão e conservação dos recursos hídricos. Dirige o Movimento Água para São Paulo (HApSP) que integra a plataforma para a América Latina do TNC (The Nature Conservancy).

Edson Grandisoli é biólogo, consultor em Educação para a Sustentabilidade no Ensino Básico e doutorando pelo Procam-USP.

Claudia Visoni é jornalista, ambientalista, conselheira do meio ambiente na Subprefeitura de Pinheiros, voluntária em hortas urbanas e mãe de alunos do Vera Cruz.

Conheça melhor a OPS Vera Cruz:
opsveracruz.wordpress.com • opsveracruz • e-mail: opsveracruz@uol.com.br

---

QUEM SE INTERESSA POR EDUCAÇÃO VEM DEBATER

Desigualdade racial, socioeconômica e educação: do problema à prática

Pela primeira vez os especialistas em educação, psicologia e urbanismo **Christian Ingo Lenz Dunker, Mariana Fix, Claudia Siqueira** debaterão o tema com os pais do Vera Cruz.

Dia: 22/05/2014
Hora: das 20h às 22h
Local: Auditório do Verão
a(pça Profa. Emilia Barbosa Lima, 51)

Organização de Pais Solidários
Vera Cruz
OPS VERA CRUZ

OPS VERA CRUZ

Convida para a conversa

> Corpo em crescimento

Conexões com aprendizagem e emoções, saúde preventiva, atividade física, ergonomia e desafios da vida urbana

COM A PARTICIPAÇÃO DE

Fernanda Leite Ribeiro: optometrista, especialista em educação visual, formada pelo Instituto Filadélfia (SP) e terapeuta do método Meir Schneider – Self-Healing, certificada pela School for Self-Healing (São Francisco, CA – USA). É também graduada em História e trabalhou como bailarina profissional e professora de dança.

Juliana Storto e Liza Ostermayer: fisioterapeutas graduadas pela USP e professoras do Curso de Reeducação do Movimento - Método Berfazzo há 12 anos. São co-autoras dos livros "Corpo Vivo" e Cérebro Ativo", de Ivaldo Berfazzo, ambos da Edições SESC. Liza é também educadora física graduada pela CGEC e Juliana é mestre em Neurociências e Comportamento pelo Instituto de Psicologia da USP. Ambas são mães da comunidade escolar Vera Cruz.

Marinês Calori: graduada em Artes Corporais na Unicamp-SP; graduada em Quiropraxia na Universidade Anhembi Morumbi-SP; professora do curso de especialização da Técnica Klauss Vianna – PUC São Paulo; prof.ª na sala Criativa Integrada desenvolveu e implantou o programa de Escola de Cabina em instituições de ensino, saúde e serviço social. Marinês também tem filho na Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz
Pç. Profa. Emilia Barbosa Lima, 51
Auditório

27 de maio,
segunda-feira,
das 20h30 às 22h30.

Realização:
OPS VERA CRUZ
ORGANIZAÇÃO DE PAIS SOLIDÁRIOS
http://opsveracruz.wordpress.com/

VERA CRUZ OPS

Apresentam:

COMUNIDADE EM TRAVESSIAS

A ESCOLA COMO TERRITÓRIO DE CONSTRUÇÃO DE EQUIDADE RACIAL

Sueli Carneiro

Filósofa, escritora, ativista do movimento negro

Neca Setúbal

Socióloga e educadora

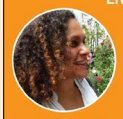
19h30 - 18/11 - 4ª-feira
gg.gg/travessiascomsuelieneca

Travessias

O que podemos aprender com a experiência transformadora da EMEI Nelson Mandela?

Educação antirracista

26 | AGO 19h30
Live com as pedagogas



Ana Cristina S. Godoy
Professora

Solange Miranda
Professora

Cibele Racy
Diretora aposentada

Save the date
Link em breve

promovido por: OPS VERA CRUZ · GRUPO DE FAMÍLIAS

4.3 Café Solidário

Pag. 12

O que há de mais gostoso que um cafezinho com bolo no meio da tarde com amigos?

O Café Solidário é uma forma de participação importante da OPS na vida social e comunitária da Escola e sempre esteve presente no Grande Arraial do Vera Cruz, em junho, e nas festas de aniversário da Escola, o Feito por Nós, em setembro.

A renda do Café é sempre destinada a uma organização sem fins lucrativos. Em geral, doamos para o Ilha de Vera Cruz, projeto do Vera de ação comunitária que oferece Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Procuramos também, ao longo dos anos, intervir junto à Escola, buscando conscientizar para o excesso e a má qualidade de prendas, bem como reduzir o aspecto consumista das comemorações juninas do Vera. Em 2011, enviamos uma carta propondo repensar as prendas e, em seguida, diversas sugestões. Também solicitamos uma reunião com os diretores para tratar desse e de outros assuntos.

Em 2012, a barraca do Café no Arraial do Vera Cruz ofereceu também pão de queijo. As vendas aumentaram, e houve uma vantagem em relação às demais barracas (contratadas, que dão uma pequena parcela do lucro à Escola), o repasse quase total da receita à entidade beneficente.

Em 2015, a renda da festa foi revertida para o Banco de Alimentos, projeto criado por uma mãe de alunos do Vera, que tem como objetivo “minimizar os efeitos da fome através do combate ao desperdício de alimentos e promover educação e cidadania”.

Leia o depoimento de Elaine Gurovitz, uma das voluntárias à frente do Café Solidário.

No Café Solidário da OPS, a gente toma café, vende café, bate papo, fofoca, se diverte e ainda contribui para a comunidade escolar! Venha também participar da festa e da venda de café no **Grande Arraial do Vera Cruz**.

Para ser voluntário, **basta se inscrever no horário de sua preferência**.

O Café Solidário é uma iniciativa da OPS para contribuir com a arrecadação de fundos feita pela Escola para o **Ilha de Vera Cruz**, um projeto de ação comunitária que oferece Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Durante a festa, vendemos cafezinho, que servimos com bolo caseiro – e aproveitamos para bater muito papo.

Venha nos ajudar na barraca e contribuir para a educação de jovens e adultos!

Claudia Amaral, Claudio Franco, Maria Fernanda Franco, Cristina Bonfiglioli, Marilia Campos Oliveira e Telles, Vinicius Cosso, Mauro Calliari, Eduardo Arruda Sampaio (no fundo), em pé; e Adriana Ferla, Caroline Chang e Dora, fotografando, (agachadas).

4.4 Troca Solidária

Pag. 12

No começo éramos um brechó. A primeira Troca Solidária aconteceu apenas no dia 29 de janeiro de 2010. Chamava-se Brechó de Uniformes. Naquela sexta-feira, muita gente fez cara feia, achou estranho ficarem oferecendo uniformes velhos quando havia tantos novinhos para comprar logo adiante.

Em outubro do mesmo ano, após uma reunião animada sobre consumo consciente, decidiu-se realizar a ação novamente, dessa vez abrangendo todos os dias da venda de material escolar e iniciando nos últimos dias letivos de 2010.

Para tanto, precisaríamos de mais interação com a Escola para organizarmos e verificarmos a viabilidade de nossas ideias. Precisávamos de confirmação dos dias e horários da venda de material para nos organizarmos, assim como de informações sobre se haveria ou não substituição de modelos de pastas.

Para transformar as ideias em ações mais estruturadas, Regina Nogueira se ofereceu para elaborar um plano de comunicação.

Troca Solidária na Unidade Baumann (Ensino Médio), em 2017.

Pais da Escola Vera Cruz fazem campanha para reúso de livros e uniformes escolares

A16 | Vida | SEGUNDA-FEIRA, 20 DE DEZEMBRO DE 2010 — O ESTADO DE S. PAULO

EDUCAÇÃO

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
20
é o número de metas que compõem o novo PNE, válido para os próximos 10 anos

MAIS OBJETIVOS
7%
do Produto Interno Bruto serão aplicados em educação pelo novo PNE. Hoje, taxa é de 5%. Comunidade educacional cobra 10%

Pais de estudantes da Vera Cruz incentivam reúso de livros e uniforme

Evitar gastos e promover a consciência sustentável desde cedo. São esses os dois principais objetivos da ação Troca Solidária, promovida pela Organização de Pais Solidários (OPS) da escola Vera Cruz, localizada em Alto de Pinheiros, zona oeste de São Paulo.

A ideia principal da OPS é estimular a troca e o reúso de objetos entre as famílias dos alunos matriculados no colégio, sensibilizando toda a comunidade envolvida com a instituição sobre consumo consciente e sustentabilidade.

A ação, que está em sua segunda edição e é apoiada pelos diretores da escola, acontece entre dezembro e janeiro e consiste na troca de livros e uniformes usados, para que os próprios alunos os reutilizem. Neste mês, os pais voluntários fazem plantão nos horários de saída da escola, na parte da manhã e da tarde, orientando outros pais sobre a ação.

Já no fim de janeiro, a OPS monta um espaço no prédio da escola para que os pais possam ver e pegar as peças que foram recolhidas no período de doação. Segundo a organização, além de se promover a integração entre as famílias e um comportamento sustentável, a Troca Solidária traz um benefício financeiro, já que dá a possibilidade de se economizar na hora de comprar os materiais do novo ano letivo.

JF DIORIO/AE-15/12/10

Sustentável. Alunos recolhem livros para serem trocados

"Tentamos promover uma mudança de paradigma no comportamento dos pais e nos alunos também, porque os professores divulgam bastante a ação entre as crianças", afirma Claudia Visoni, uma das organizadoras da ação e membro da OPS. "Também é bem bacana perceber o contato entre os pais de diferentes séries."

Noção. Os pais apoiam a ideia. Para Denise Kremer, de 40 anos, mãe de Rafael, aluno do 1.º ano do fundamental, e de Sofia, do 3.º ano, ações como essa fazem nascer a noção de coletividade.

"Em termos financeiros, a maioria dos pais pode comprar coisas novas. Mas o importante é ensinar aos filhos que não precisamos consumir tanto assim", diz ela, que entregou os uniformes usados das crianças e pretende pegar outros em janeiro. / M.M.

LINK

Mães, pais, alunas e alunos que organizaram os materiais e uniformes para Troca Solidária 2017, na Unidade Baumann: Clara e Irene Uehara; Felipe, Pedro, Patrícia Bove, Claudia Visoni, Carmen Fernandez e Aldo Tonso; e, agachados, Vinicius Cosso, Simone Lederman, Marília Campos Oliveira e Telles, Felipe, Joana e Sofia Tuttoilmondo e Mauricio Mudrik.

Como funciona a aquisição de materiais escolares no Vera Cruz?

A Escola produz grande parte dos materiais da lista e vende às famílias no início de cada ano letivo. Os materiais obrigatórios e opcionais incluem: uniformes, pastas, fichários, cadernos, agendas – com o logo do Vera e organizados por cores e formatos de acordo com o ano, do G1 ao 8º ano.

A lista também inclui livros de leitura e livros didáticos de Inglês e para o Ensino Médio.

Em janeiro de cada ano, há uma venda de materiais que dura três dias. Quando a Troca Solidária começou, em 2010, a venda era realizada no prédio do Ensino Fundamental. Em 2014, a venda mudou para o prédio do Ensino Médio, e, em 2016, a Escola começou a oferecer venda virtual.

A OPS foi se adaptando às mudanças sempre procurando incentivar o reúso ao invés da compra de materiais novos.

Uniformes

A Escola possui uniforme adequado e confortável, que permite a liberdade de movimentos, necessários para um bom aproveitamento das atividades do dia a dia. O uso do uniforme é optativo. No entanto, recomendamos que as crianças venham sempre à Escola com roupas e calçados confortáveis.

Escola Vera Cruz, Ensino Fundamental: As aulas de Educação Corporal e Educação Física ocorrem duas vezes por semana, para todas as turmas. Nesses dias, o uso de roupas adequadas é ainda mais importante para viabilizar a participação e envolvimento das crianças nas atividades. O uso da camiseta do Vera é obrigatório nas saídas planejadas pela Escola e demais atividades extraescolares.

Em termos financeiros, a maioria dos pais pode comprar coisas novas. Mas o importante é ensinar aos filhos que não precisamos consumir tanto assim.

Denise Kremer

LINK

Troca Solidária 2012

A única regra: doe apenas o que estiver em bom estado.

Ao longo dos anos, a Troca Solidária foi evoluindo, ganhando mais espaço na Escola, adesão dos pais, mais voluntários. E fomos produzindo mais ferramentas para orientar o trabalho: Perguntas Frequentes, Orientação aos Voluntários, tabela de plantão, pôsteres, comunicação com professores, caixas de coletas, auditoria dos resultados, etiquetas para os livros etc.

Sugestões para a Troca Solidária 2013-2014

- Fazer um vídeo explicando a Troca e deixar rodando no iPad durante a evento.
- Fazer um FAQ, deixar no site e levar impresso para distribuir nos dias de Troca.
- Fazer um manualzinho de instruções para os voluntários.
- Lembrar aos pais que um livro pode ser usado de um ano para o outro – portanto, cuidar, não rabiscar, deixar informado o ano/série que usa etc.
- Pedir, novamente, para a Escola os uniformes dos achados e perdidos.
- Pedir, novamente, para a Escola a lista de livros adotados no EM.
- Lembrar de avisar aos pais que as doações de janeiros têm que acontecer nos primeiros dias da Troca, pois no final não temos para onde levar.
- Procurar desde já ONGs que aceitem doações.

Troca Solidária 2013, no Verão: Joana Canedo.

Troca Solidária em 2014, na Unidade Baumann: Claudia Visoni, Marília Campos Oliveira e Telles e Irene Uehara.

LINK **Carta aos professores**

LINK **Balanço da Troca Solidária 2012**

Perguntas frequentes (2014)

Qual a destinação do material que sobra?

As pastas e livros em bom estado são destinados a ONGs parceiras, como o Projeto Âncora e o Projeto Veredas. Os uniformes pequenos em bom estado vão para o Verinha e o Verícula. Os demais podem ser utilizados como material de limpeza ou de apoio para aula de Artes e os deteriorados vão para a reciclagem.

A Troca Solidária é uma ação de caridade?

Não. A Troca Solidária é uma ação de cidadania pensada para integrar pais, alunos, funcionários e a própria Escola, a fim de redimensionar a necessidade de consumo, estimulando a reutilização de materiais e uniformes e evitar a geração de lixo.

Troca Solidária em 2013, no Verão: Patrícia Centurion e Adriana Ferla.

Agradecimento aos voluntários da Troca 2014

Caríssimos,

gostaríamos de agradecer imensamente toda a sua ajuda durante a Troca Solidária 2014! Sem o trabalho de cada um dos voluntários, a Troca não teria acontecido e não teria sido o sucesso que foi.

Acreditamos muito na "Troca" como uma maneira de, no mínimo, gerar reflexão sobre o consumo e, no máximo, provocar reais transformações sociais.

Mas acreditamos mais ainda no "Solidária".

Obrigada e um excelente ano a todos!

> *A Troca Solidária não é uma ação de caridade, é uma ação de cidadania.*

A Troca Solidária também contribui para a economia de água

A conexão entre a demanda crescente por água e produtos para consumo é clara. Em geral, acreditamos que só usamos água para tomar banho, cozinhar, beber etc. No entanto, mais de 95% da água consumida pelas pessoas está embutida nos ingredientes das refeições e todos os objetos que nos cercam no cotidiano. Esse cálculo é conhecido como pegada hídrica, e entre os itens que mais usam água em sua fabricação estão o papel e os tecidos de algodão.

Troca Solidária em 2013, no Verão.

Por isso, a Troca Solidária de uniformes e material escolar que a OPS Vera Cruz promove anualmente é também uma maneira de reduzir a água consumida pelas famílias.

Quer ver só?

Para cultivar o algodão utilizado na confecção de uma camiseta, são necessários em torno de 2 mil litros de água. Em 2014, a Troca Solidária fez circular 5 mil peças de uniforme, economizando assim em torno de 10 milhões de litros de água.

Produzir uma folha de papel usa 10 litros de água, o que inclui cultivar árvores destinadas ao corte para extração da celulose, usar e, muitas vezes, poluir água no processo da produção. A mais recente Troca Solidária movimentou 1,5 toneladas de pastas, economizando assim em torno de 3 milhões de litros de água.

Para quem tiver curiosidade, o cálculo é:

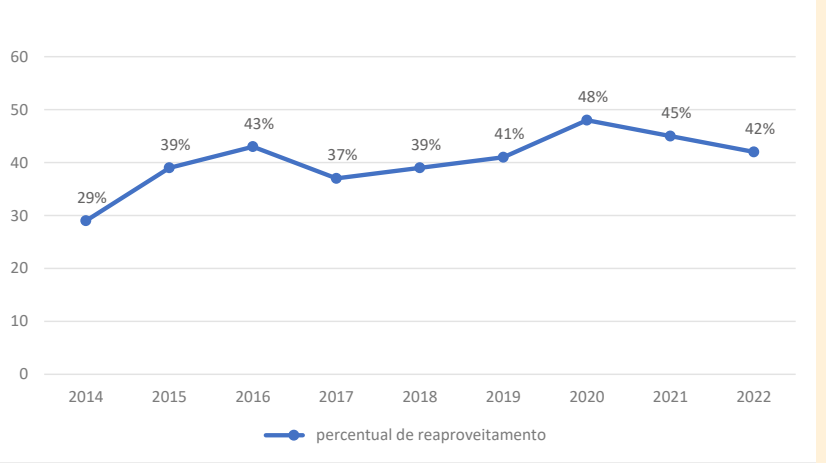
1 folha A4 de 80 g / m² usa 10 L.
1 folha de papel = .06237 m².
80 g de papel usam então 160.3335 L.

A Troca movimentou 1.500 kg.
(1500000/80) x 160.3335 = 3.006.253 L

Vamos cuidar dos materiais e reutilizá-los no ano que vem? E o que não der para reutilizar pelo próprio aluno ou seus irmãos, pode ser bem cuidado para que outra criança do Vera use em 2015.

Pegar materiais usados na Troca Solidária é mais uma maneira de economizar água!

Percentual de pastas-fichário reaproveitadas na venda de material, evitando a compra de novas durante a Troca Solidária:



LINK

Troca Solidária leva conceitos de cidadania para a comunidade Vera Cruz

> *Dos três Rs da sustentabilidade, os dois primeiros são os mais importantes: reduzir e reutilizar. Estamos mostrando para nossos filhos que na Escola é possível incorporar ambos. Reduzimos as compras de materiais e reutilizamos o que foi usado este ano.*

Patrícia Bove, Rita Camargo, Marina Mermelstein e Joana Tuttoilmondo.

As dúvidas mais recorrentes

- Não é preciso ter doado para poder retirar algo na Troca. Qualquer pessoa pode retirar, mesmo se não tiver nada para doar.
- Participar da Troca independe da condição financeira – todos podem e devem retirar itens na Troca. Trata-se de repensar as necessidades de consumo e o destino dos objetos não aproveitados.

PESQUISAR: GO

OPS VERA CRUZ

ORGANIZAÇÃO DE PAIS SOLIDÁRIOS DA ESCOLA VERA CRUZ

QUEM SOMOS

O QUE FAZEMOS

TROCA SOLIDÁRIA VIRTUAL

LINKS E ARTIGOS

FALE CONOSCO

Agradecemos por mais uma Troca de sucesso:

Aos que cuidaram das pastas e livros durante o ano todo, permitindo que pudessem ser reutilizados em 2016.

Aos que doaram para a Troca itens em bom estado.

Aos que retiraram uniformes e materiais, aumentando a vida útil desses objetos.

Aos que acreditam nessa ação e conversaram sobre a Troca com a família e os amigos.

E sobretudo aos voluntários que colocaram a mão na massa antes, durante e após a Troca. Sem o trabalho dedicado de cada um deles, a Troca não teria sido possível!

Aproveitamos para contar que o que sobrou no último dia teve a seguinte destinação:

- Pastas em bom estado foram levadas para o Instituto Prof, em Paraisópolis.
- Livros em bom estado foram disponibilizados para as moças e rapazes que trabalharam na venda de materiais e alguns foram encaminhados para bibliotecas.
- Livros em mau estado ou desatualizados foram para a reciclagem, assim como pastas e cadernos rasgados, amassados e sujos.
- Uniformes pequenos em bom estado foram para o Verinha, para serem usados como troca de roupa.
- Uniformes em bom e mau estado foram convertidos em pano de chão ou manta para vasos de plantas ou foram para a reciclagem, pois não podemos doar roupas com o logo do Vera.

Texto publicado no blog da OPS.

Pag. 112

A Troca Solidária é institucionalizada e é incluída na comunicação oficial da Escola. Leia o depoimento de Marcelo Chulam, diretor de gestão.

Num cenário de consumismo e competitividade em que vivemos aqui, no Brasil, fico muito feliz de saber que meus filhos estão numa escola que estimula o reúso de material escolar dos anos anteriores e que um grupo de pais promove a doação e aproveitamento dos materiais não mais utilizados. Nossas crianças estão tendo a chance de valorizar aquilo que realmente é importante, além, é claro, de ajudarem a cuidar do planeta que vivem. Não só pela economia financeira, mas fiquei extremamente satisfeita em precisar comprar apenas três cadernos da lista inteira dos meus dois filhos.

De uma mãe de aluno do Vera, em 2014.

Voluntárias e voluntários da OPS, de avental laranja: Joana Tuttoilmondo, Marília Campos Oliveira e Telles, Cristina Bonfiglioli, Vinicius Cosso e Rita Camargo, com os participantes da Troca de Livros, na Praça Profa. Emília Barbosa Lima.

4.5 Mais trocas

Pag. 13

A Troca Solidária produziu vários desdobramentos:

- Troca de Roupas Juninas: 2013, 2016 e 2019.
- Troca de Brinquedos: 2015 e 2018.
- Troca de Livros: de 2016 a 2019 e 2022.
- *Upcycling*: 2016 e 2017.

Desde 2010, a OPS se preocupava com a questão da troca de livros. Começamos a questionar o formato do Sábado Literário – uma linda tradição de valorização da leitura no EF, nível 1. Nossas indagações diziam respeito à venda de livros. Por que trazer empresas para vender livros na Escola? Por que não trocar livros?

Foi realizada a reunião com a coordenadora do EF, nível 1, Angela Fontana, que recebeu nossas ponderações, mudando o formato do Sábado Literário, que deixou de vender livros, abrindo espaço para trocas além dos outros modos de fruição dos livros.

Fomos percebendo o quão importantes eram estes diálogos com as Coordenações da Escola, quando tínhamos oportunidade de apresentar o ponto de vista das famílias sobre determinada atividade. Entre tantas promovidas pela Escola, às vezes os organizadores simplesmente não haviam tido a oportunidade de avaliar como eram feitas e, sobretudo, desconheciam o incômodo "do lado de cá". Alguns diálogos ficaram na memória, outros estão registrados nesta história. Quem tem a oportunidade de viver a FliVera, hoje, pode refletir sobre evoluções no modo de promover eventos literários e se empolgar com propostas que vão sendo desenvolvidas graças a interações como essas.

Feira de Trocas Juninas, na Praça Profa. Emília Barbosa Lima, em 2013.

Feira de Brinquedos, na Praça Capitão Mateus de Andrade, em 2015.

Troca de Brinquedos, na Praça Profa. Emília Barbosa Lima, s/d.

Upcycling, venda de camisetas, na Unidade Verinha, em 2017: Rita Camargo e Patrícia Bove.

4.6 Navegações

Pag. 13

Navegar é preciso, viver não é preciso.

Fernando Pessoa.

A proposta de fazer uma apresentação da OPS para crianças do 5º ano na Escola, em horário de aula, surgiu após o sucesso das apresentações sobre o mesmo tema realizadas para os pais em 2011 e 2012: "Nossos filhos e o mundo virtual". Perguntamo-nos como as crianças estavam usando a internet e se tinham consciência das consequências de seu mau uso e dos benefícios do bom uso. Formou-se, então, o Grupo de Trabalho Mundo Virtual, que propôs à Direção do Vera uma apresentação voltada ao público do 5º ano. Antes, porém, o GT testou a apresentação com algumas crianças, filhos de membros da OPS e de amigos, até fechar um formato que funcionasse bem. Depois de conversas com a Coordenação do EF, nível 2, foi dado o sinal verde para a OPS apresentar o trabalho na Escola.

Navegações, em 2013 — Marília Campos Oliveira e Telles e Patrícia Centurion.

OPS faz apresentação sobre o Mundo Virtual para alunos do 5º ano

O evento teve tanto sucesso que a OPS foi convidada, por três anos consecutivos, a fazer a apresentação para alunos do 5º ano.

O foco das apresentações é lembrar a todos que navegar é bárbaro, todos gostamos e tem muita coisa legal para fazer na internet. Mas que, como andar na rua, é preciso estar atento e tomar cuidado.

Em 2014, fizemos um folheto para entregar para os alunos ao final do evento, impresso pela Escola. A ideia é que saíssem com algo concreto não só para ajudá-los a se lembrar do que falamos, mas também para que a notícia de que houve essa apresentação chegasse aos pais (já que a Escola não comunicou a ninguém).

Referências para os pais:

Safernet Brasil

Mitos e verdades sobre como os jovens usam a internet

Recomendações e boas práticas para o uso seguro da internet para toda a família

Sua Privacidade Online

O papel dos pais e educadores na formação dos jovens quanto ao uso ético e construtivo da Internet

4.7 Vera sobre Rodas

Pag. 13

Em maio de 2013, surge a ideia de um passeio de bike. A voluntária Patrícia Bove, com o apoio da OPS, se propôs a organizar o Vera sobre Rodas, um passeio ciclístico no Parque Villa-Lobos para famílias de alunos do 4º ano, com a ideia de replicar a atividade para outros grupos. Foram quatro edições ao todo, em junho e outubro de 2013, em maio de 2014 e em abril de 2015.

Primeira edição de Vera Sobre Rodas, no Parque Villa Lobos, em 2014.

Essa iniciativa, que começou como uma proposta de encontro e divertimento para crianças e pais, acabou levando a outras reflexões: o uso da bicicleta no dia a dia das crianças. Por que a bicicleta deveria ser limitada ao parque? Por que não a usar nas ruas do bairro, para ir à Escola?

Em outubro de 2014, surgiu uma oportunidade e nós pegamos. Pesquisando sobre iniciativas internacionais de uso da bicicleta para ir e voltar da escola, descobrimos o programa americano de Rotas Seguras para a Escola (*Safe Routes to School*, SRTS). Além de muita

informação interessante, o que chamou atenção foi um concurso, com premiação de US$ 1.000,00, para propostas relacionadas ao estímulo do uso seguro de bicicletas no caminho escolar, com foco no uso do capacete: a iniciativa Helmets on Heads.

Resolvemos escrever uma proposta ao SRTS e convidamos a comunidade Bike Anjo para ser nossa parceira. Eles se dispuseram a entrar nessa com a gente e nos ajudar a treinar estudantes a pedalar seguramente, caso ganhássemos os US$ 1.000,00. Resumidamente, propomos:

- Oferecer treinamento a 150 estudantes da Escola pelos Bike Anjos, focando práticas de segurança: como se posicionar nas ruas e sinalizar seus movimentos e ações, como identificar e evitar situações de risco e que equipamentos de segurança usar, dentre outras.

- Escrever e publicar um panfleto sobre práticas seguras para andar de bicicleta, incluindo sempre o uso do capacete; traduzir o panfleto "*Schwinn helmet fitting*" para o português; e compartilhar eletronicamente e distribuir esses materiais para pais e alunos da Escola.

- Avaliar as ruas no entorno da Escola e publicar um mapa com rotas cicláveis recomendadas.

O Bike Anjo é um coletivo de ciclistas experientes que ajudam as pessoas a andar de bicicleta, desde aquelas que nunca tinham andado antes até as que querem começar a usar a bicicleta como meio de transporte na cidade, ou, ainda, crianças no trajeto para a escola.

Não fomos selecionados no concurso, mas a parceria com o Bike Anjo se manteve.

Convidamos os Bike Anjos para fazerem um passeio de bicicleta com alunos e pais do Vera, num Vera sobre Rodas especial – semelhante ao que haviam feito com as famílias do Colégio Cervantes, uns meses antes. Eles orientariam e dariam dicas para pais e filhos pedalarem seguramente pela ciclovia do lado de fora do parque.

No final, optamos por uma manhã em uma outra pracinha do bairro, onde os Bike Anjos ensinaram crianças e adultos a pedalar – para incluir mais pessoas nos passeios de bicicleta.

Bike Anjo, na Praça Província de Saitama, em 2015.

4.8 Educação para a Rua e Busapé

Pag. 13

Em 2011, após uma série de questões relacionadas à segurança no trânsito que voltaram a surgir (uma delas foi o atropelamento do Vitão, na Rua Natingui), pensou-se em retomar a campanha de trânsito realizada anos antes. Porém muitos concordaram que o ideal seria bolar alguma coisa que envolvesse mais as crianças do que os pais e evitar o tom moralizante.

Mas foi só em 2013 que alguns voluntários da OPS decidiram organizar um evento – "A rua é das crianças no Dia Mundial Sem Carro" –, que faria parte do calendário da Semana da Mobilidade, em setembro, e envolveria moradores do bairro, famílias de outras escolas e movimentos relacionados à mobilidade em São Paulo. A proposta era de um evento auto-organizado, com brincadeiras espontâneas e lanche comunitário, ocupando uma rua do bairro.

Nos anos seguintes, a ideia de repensar o transporte escolar foi se desenvolvendo cada vez mais. Do Vera sobre Rodas às lições dos Bike Anjos para pedalar com segurança na cidade, começamos a discutir o jeito mais básico de transporte: a pé.

Pag. 109

Leia o depoimento de Fernanda Salles.

De Busapé para a escola

Crianças pegaram Busapés na terça-feira passada, 22/09/15, para ir para a Escola a pé e em grupos.

Foram três linhas com meia dúzia de crianças cada e um ou mais adultos acompanhando. Uma partiu da Heitor Penteado e desceu a Pereira Leite e a Nazaré Paulista. A segunda veio

da Natingui, atravessou a Praça das Corujas e a Vila Beatriz. A terceira teve início na Arquiteto Jaime e seguiu pela Vitorino de Carvalho.
Ponto final: Verão.

As crianças e os pais que acompanharam se divertiram com a experiência. Ao ir parando no meio do caminho para pegar mais crianças, foram conhecendo outras famílias e descobrindo onde moram os colegas.

Meu Busapé foi muito bacana. Conheci o Antonio e seu pai que são meus vizinhos, o Lorenzo e a mãe, e a Alice, uma menina muito fofa com uma mochila gigante. Ainda catei umas amoras e pitangas.

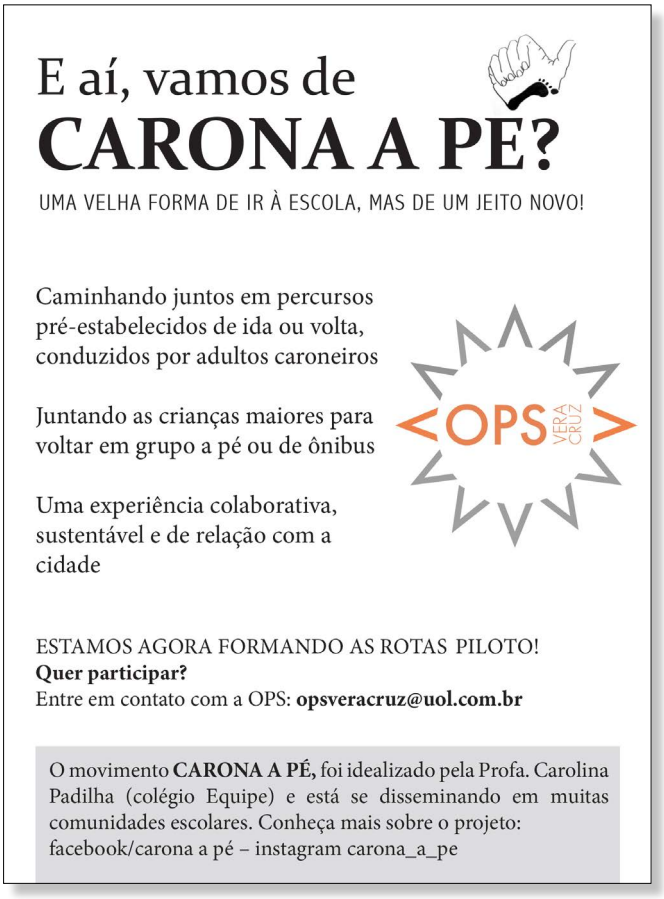
Carolina, mãe da Ana e do André.

Alguns gostaram tanto da experiência que querem repetir mais vezes. Quem sabe criar linhas regulares, ao menos uma vez por mês para começar. E depois, se der certo, ir aumentando a frequência.

Se estiver interessado em criar uma linha ou se juntar a alguma dessas três, mande um email para a OPS, e ajudaremos a organizar.

O Busapé foi uma iniciativa da OPS para comemorar o Dia Mundial Sem Carro 2015. Estamos convidando alunos e pais do 3º ao 5º ano para participar do Busapé (ou ônibus a pé). A ideia é fazer o caminho para a escola a pé, em grupos, de maneira segura (sempre com o acompanhamento de adultos) e principalmente divertida!

LINK



Prêmio Mobilidade Minuto

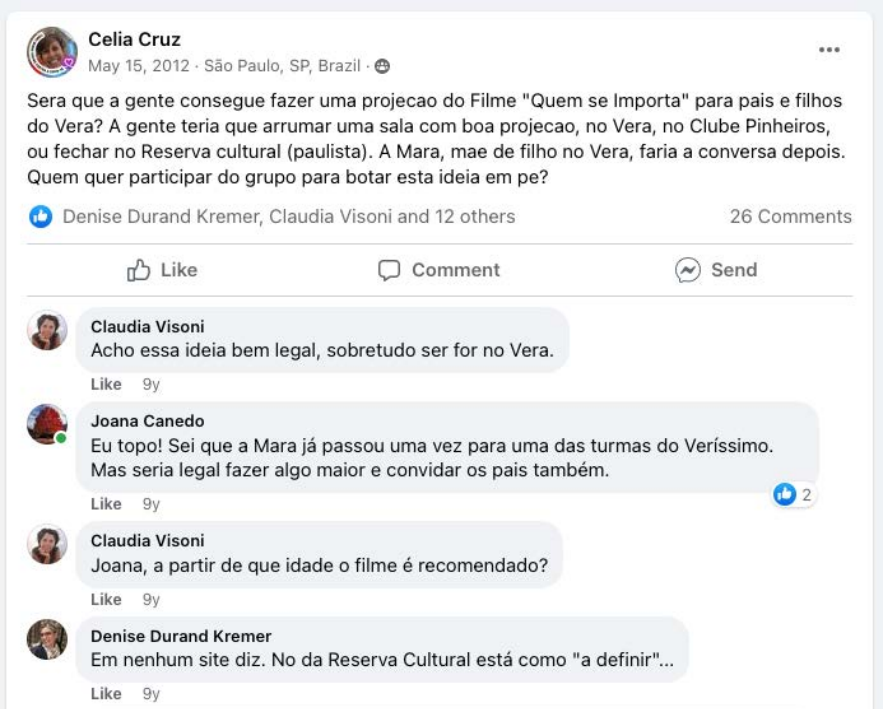
Em outubro de 2014, nos inscrevemos para o Prêmio Mobilidade Minuto, do Instituto Cidade em Movimento, na categoria Qualidade do Espaço Público da Mobilidade com o projeto "Ruas seguras no entorno da escola". Não ganhamos o prêmio, mas seguimos ganhando experiência para novas iniciativas, principalmente aquelas que podíamos realizar com a força de trabalho dos voluntários – como fazer a pintura de uma faixa de pedestres próxima à entrada do Verão, em vez de simplesmente aguardar por meses uma atitude, ou ao menos resposta, da CET.

4.9 CineOPS

Pag. 13

A ideia surgiu com o objetivo de reunir pais para discutir temas de interesse, num formato diferente das palestras. Decorreu também do fato de que mães e pais da Escola são produtores de conteúdos de alta qualidade. Além disso, pensamos que seria bacana ocupar espaços do bairro, públicos ou privados. Assim, realizamos cinco edições do CineOPS: na Praça Profa. Emília Barbosa Lima, na Praça Amadeu Decome, no Clube Alto de Pinheiros e na Unibes Cultural.

Quem deu o pontapé inicial foi Celia Cruz, mãe do Thomas e do Victor, sugerindo a projeção do filme *Quem se importa*, dirigido por Mara Mourão, mãe de aluno, para pais e filhos do Vera.



CineOPS: *Leões de Paraisópolis*, na Unibes Cultural, em 2017.

Plateia do CineOPS: *Quem se Importa*, na Praça Profa. Emília Barbosa Lima, em 2012.

Participação do público em debate após a exibição de *Muito Além do Peso*, na Praça Amadeu Decome, em 2013.

4.10 Diversidade na Escola

Pag. 13

As primeiras discussões sobre diversidade racial e social no Vera apareceram na OPS, em 2013. Um grupo de mães e pais formou o Grupo de Diversidade, que se reuniu diversas vezes fora da Escola e também uma vez com a Direção.

> "Desde 2013, um grupo de pais vem discutindo a importância de aumentar a diversidade social e étnica do Vera Cruz. Não há uma demanda pronta; neste momento o desejo é sobretudo trazer a questão à tona para que as famílias e a Escola construam juntas a proposta. Houve uma reunião com a Direção da Escola, mas ainda sem retorno sobre a disposição/interesse da Escola em embarcar nesse projeto. Foi proposto ainda que a Escola participe do 'Porcausa', uma ação de sensibilização para a necessidade de doar recursos para entidades assistenciais feita por meio de um cofrinho. Os estudantes poderiam se reunir e decidir a forma de circular o porquinho e qual causa gostariam de apoiar."
>
> Ata de reunião, fevereiro de 2014.

Motivada por essas reflexões, a Comissão da OPS promoveu, em maio de 2014, o evento "Desigualdade racial, socioeconômica e educação: do problema à prática", com a participação de Christian Dunker, Mariana Fix e Claudia Siqueira.

No mesmo ano, organizamos uma visita à Fundação Acorde, cuja presidente, Joana Lee Mortari, é mãe de alunos do Vera. A iniciativa tinha como objetivo conhecer a realidade de outras comunidades, distantes da realidade do Alto de Pinheiros. A integração é uma rua de duas mãos: queremos acolher, mas também podemos ser acolhidos. As famílias da OPS foram recebidas pelos educadores da Acorde e pelas crianças e jovens que fazem atividades de extensão cultural no contraturno da escola.

Visita à Fundação Acorde, em 2014.

Essas iniciativas foram avaliadas na reunião da OPS, em junho de 2014, que ficou registrada desta forma:

Avaliação do evento sobre diversidade

Os participantes gostaram do evento de modo geral. Acharam que cumpriu o objetivo de dar início a um debate sobre esse tema tão sensível e importante. Os palestrantes foram elogiados pelas boas apresentações.

Discutiu-se um pouco o formato do evento. A importância de ter um mediador. Uma roda de debate entre os palestrantes. Dispor o público em roda na hora do debate.

Sentiu-se apenas a ausência da Escola. Três pessoas da Escola participaram do evento, mas não vieram como representantes oficiais, mas porque estavam interessadas no tema. O grupo sente falta de um posicionamento da Escola sobre essa questão. Gostaria de voltar a se reunir com a Direção para entender melhor as políticas de bolsas de estudos, antigos programas sociais (como o iSmart), entre outros pontos.

Ações

- Atualizar o blog com material sobre o evento.
- Elaborar uma lista de perguntas para fazer para a Escola (A ideia é fazer um *brainstorming* por email até fechar).
- Agendar reunião com a Direção (ou seria com os coordenadores?) em nome do grupo de pais que vão assinar a carta (fazer a lista desses pais com seus emails).
- Continuar a engajar e sensibilizar mais pais do Vera para a questão, por meio de campanha. Responsabilidade: todos.

Mães e alunas do Vera em atividade promovida pela Fundação Acorde.

Oficina oferecida pela Fundação Acorde, com participação de alunos e alunas do Vera, em 2014.

Avaliação da visita à Associação Acorde

A visita foi um sucesso. Havia cerca de 10 famílias do Vera. Fomos muito bem recebidos na Acorde, e a troca com as crianças da Acorde foi ótima. Conhecemos um lugar muito especial e aprendemos muito – muito além da percussão, do maracatu e da capoeira. A Acorde também achou que esse tipo de visita informal é bom para todos. Podemos repetir em outras ocasiões.

Ações

- Postar no blog da OPS um relato da visita.
- Começar a pensar num segundo encontro no 2º semestre.

O fato é que o tema da diversidade racial só foi de fato retomado na OPS cinco anos mais tarde, depois da formação da Frente Democrática Vera Cruz, em 2019, e do encontro "O que esperamos de uma boa escola hoje?", sob coordenação do professor Fernando Almeida.

Assim ficou registrado na ata da reunião da OPS de junho de 2019:

Grupo de Diversidade Racial

Por enquanto, somos um grupo de 30 pais e mães, aproximadamente, alguns com filhos negros, outros não, que se incomodam com a pouca diversidade racial na Escola. Numa escola que adota muita coisa de Paulo Freire (educação como um ato político e transformador da sociedade), julgamos que nesse ponto a prática da Escola não está condizente com o projeto pedagógico. Temos uma reunião de um comitê de seis pessoas marcada com Heitor [Fecarotta, diretor geral] para o dia 12; nesta quinta (6) vamos nos reunir para preparar a reunião. Nossa ideia é levar à Escola nosso incômodo e preocupação, e ver o que podemos fazer juntos. Até agora, pensamos no seguinte tripé de ação:

1. Questão curricular: cultura e história afro-brasileira podem ser mais bem ensinadas?
2. Mais diversidade no corpo docente: como o próprio Fernando Almeida conversou com algumas pessoas ao final do evento, o Vera tem capacidade para formar professores, e podemos aproveitar isso.
3. Mais diversidade entre os alunos: talvez seja o objetivo mais difícil de ser atingido, mas achamos que nem por isso deve ser deixado de lado.

Bia Antony, uma das integrantes do grupo (que falou muito fortemente no evento do Fernando Almeida sobre "quando teremos negros em outros lugares que não só na portaria e na faxina?"), está tendo uma boa experiência de interlocução com a Escola, ao tratar desse tema visando especificamente como a filha mais velha dela (que é negra) vai aprender este ano sobre escravatura. Ela conseguiu que a Escola (professora, coordenadora e diretora) fizesse uma reunião de duas horas com uma profissional (negra) especialista em formação antirracismo em escolas da periferia. A Escola deu um feedback extremamente positivo para ela, acenou com a ideia de querer aprofundar a formação de professores nessa questão.

4.11 Educação antirracista

Pag. 14

Reproduzimos o depoimento de Caroline Chang, mãe da Dora, uma bela síntese dessa iniciativa:

> Na noite de 9 de maio de 2019, a Escola Vera Cruz, conjuntamente com a OPS, promoveu o encontro com o pedagogo Fernando Almeida, que tinha como título "O que esperamos de uma boa escola, hoje?". Estavam presentes famílias, representantes do corpo docente e funcionários. Na dinâmica de grupo em que os participantes foram convidados a elencar o que gostariam de manter na Escola e o que gostariam que mudasse, um desejo foi virtualmente unânime: mais diversidade, sobretudo racial – era uma das coisas que a grande maioria gostaria de ver na Escola.
>
> A partir desse "encontro de insatisfeitos", começaram a se reunir para tratar dessa questão representantes de algumas famílias. Pessoas majoritariamente brancas, que até então não se conheciam, encontraram no incômodo em comum o incentivo para se aprofundarem na questão. Se a educação é um instrumento para a mudança social, como afirmava Paulo Freire, por que uma escola construtivista e humanista como o Vera Cruz era habitado por tão poucos negros?
>
> Não demorou até o grupo diagnosticar que a necessidade de mais diversidade racial na Escola passava por pelo menos quatro frentes de trabalho, ou pilares: 1) mais diversidade no corpo docente; 2) mais diversidade no corpo discente; 3) revisão curricular; 4) sensibilização da comunidade para a questão racial.

Com incentivo da Direção da Escola, essas mães e pais se organizaram para pesquisar práticas e experiências prévias na Escola e em outras instituições, o que ocorreu durante todo ano de 2019 e também 2020.

Em meados de 2020 – primeiro ano da pandemia de covid-19 –, estava praticamente pronto o germe do Projeto Travessias. De uma iniciativa que buscava mais diversidade no espaço escolar, passou a ser, claramente, um projeto de educação antirracista. O Travessias previa um programa de bolsas, idealizado pelos familiares de alunos em conjunto com a Direção da Escola. As bolsas seriam concedidas à guisa de reparação histórica para 18 alunos do G5 (três crianças por sala) autodeclarados negros ou indígenas até um certo limite socioeconômico, além do pagamento de auxílios de permanência para custeio de transporte, lanche etc. A Escola se comprometeu em aumentar o número de professores e coordenadores negros e indígenas, o que ocorreu já nas contratações feitas na virada de 2020 para 2021. Travessias, no plural – a última palavra de *Grande sertão: veredas* –, porque se acreditava que os atravessamentos seriam múltiplos, de parte a parte.

Em 2021, ingressaram na Escola Vera Cruz as primeiras 18 famílias bolsistas do Travessias. A Escola se comprometeu com a vida escolar de todos os alunos ingressados, num compromisso vultuoso de longo prazo. A captação era majoritariamente feita pela Associação Travessias – instituição constituída por membros da comunidade de famílias para financiar o programa de bolsas por meio de doações de familiares, ex-familiares e empresas. O primeiro ano do projeto foi um sucesso, e as reverberações foram sentidas em todas as unidades da Escola, em vários âmbitos.

A OPS, por exemplo, compilou o Leituras pela Diversidade, com sugestões de leituras para várias idades, que podem ser baixadas usando QR Code. A repercussão foi extremamente positiva, inclusive na imprensa, e outras instituições de ensino de São Paulo passaram a olhar para o Travessias. Em 2021, em função de desacordos quanto à captação de recursos para o programa de bolsas, a Associação Travessias e a Associação Universitária Interamericana realizaram um distrato, a partir do qual a continuidade do Projeto Travessias foi internalizada pela Escola. Em janeiro de 2022, ingressaram no Vera mais 18 famílias bolsistas, e o sonho de uma educação antirracista segue em construção, com dedicação e apoio dos profissionais da Escola, da comunidade e dos alunos.

> O Travessias não é um projeto apenas da Escola, é um projeto de país também. Saber que de 22 profissionais contratados tivemos 10 negros é sinal substancial de uma mudança efetiva e que veio para ficar. Quantas vidas a gente pode mudar com esse movimento? Não apenas a dos profissionais que foram contratados como também a dos que já estão na Escola, assim como das crianças e famílias de todo o espaço. É como se a gente tivesse aberto uma nova porta contendo excelentes possibilidades do outro lado, ainda que a gente saiba que teremos muitos desafios pela frente. Mudar é desafiador, mas esse é um caminho que já tínhamos que ter aberto há muito tempo. A Escola é potencialmente um lugar de mudança, uma semente forte desse lindo país que certamente começará a surgir.
>
> **Tatiana Nascimento**, negra e mãe de um casal, integrante ativa do Projeto Travessias

Depoimento para *O Estado de São Paulo*, em 22 fev. 2021.

O Projeto Travessias

O Projeto Travessias realiza ações contínuas no ambiente escolar para combater o racismo estrutural, por meio da sensibilização da comunidade, da valorização da cultura e história afro-brasileira e indígena no currículo e do aumento da representatividade negra entre alunos, educadores e cargos de gestão.

O Projeto Travessias, dessa forma, contribui para transformar a situação histórica de segregação e desigualdade social criada pelo racismo, rumo aos benefícios da convivência na diversidade.

O aumento da presença negra e indígena dentro das escolas de maioria branca traz novos aprendizados para o espaço escolar, desconstruindo a normatização do branco como "homem universal" e propiciando a conscientização sobre a branquitude – avanços imprescindíveis no combate ao racismo estrutural. Tal movimento precisa acontecer nas escolas particulares. E não seria diferente no Vera Cruz, uma instituição educacional particular de excelência, que tem como um dos pilares de seu projeto político-pedagógico a valorização da diversidade.

O trato pedagógico da diversidade, sobretudo a racial, é um direito de todos e um dever das escolas que visam contribuir para a formação cidadã em um país democrático. Além da aplicação das Leis 10.639 (2003) e 11.645 (2008), que tornam obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena, é fundamental valorizar a presença e a cultura não branca no corpo docente e discente, bem como no currículo e na comunidade escolar.

Vivenciar, em contexto de aprendizagem, um ambiente diverso, culturalmente rico e historicamente necessário, trará para dentro da sala de aula as diferentes realidades étnico-sociais brasileiras. Só assim, com verdadeiro autoconhecimento – adquirido na relação com o outro – e entendimento sobre o papel histórico do racismo em nossa sociedade, poderemos formar cidadãos comprometidos com a transformação social.

Fonte: Projeto Travessias.

Projeto de Educação Antirracista

Em dezembro de 2021, o projeto de educação antirracista foi totalmente incorporado pela Escola, e a Associação Travessias deixou de existir.

> "Manifestamos um agradecimento especial a todas as famílias de alunos bolsistas que acreditaram no Projeto Travessias e embarcaram conosco neste desafio, aos profissionais negros da Escola, às instâncias de criação e assessoramento da Associação Travessias, aos membros do Comitê de Diversidade e do Grupo Guardião, a todos da comunidade escolar que se dedicaram ao trabalho cuidadoso de revisão do currículo escolar e a todos aqueles que de alguma forma se engajaram nas nossas

> travessias ao longo do último ano. A força do coletivo que formamos, com cada um de vocês, foi, é e será fundamental para o projeto de sociedade que sonhamos. Sigamos juntos por um novo País."

A comunicação foi assinada por Roberta di Ricco Loria, diretora da Associação Travessias, e por Heitor Fecarotta, diretor geral da Escola Vera Cruz.

5 OPS em suspensão: a pandemia

Prezadas Direção e Comunidade da Escola Vera Cruz,

nós, famílias ligadas à Organização de Pais Solidários da Escola, gostaríamos de nos manifestar neste momento de crise instaurada pela pandemia provocada pelo coronavírus.

Sensibilizados, recebemos a carta enviada pela Direção em 17.3.2020 e, também, as que estão sendo dirigidas pelos professores e professoras a estudantes de diferentes idades pelos canais virtuais, procurando, neste novo período de incerteza, preservar os princípios e laços que sustentam a educação proposta pela Escola.

Estamos cientes de que vivemos um momento de excepcionalidade e que a sensação de pouco ou nenhum controle nos aflige imensamente. No entanto, para enfrentar tal situação, estamos certos de que precisaremos viver um dia após o outro, com muito diálogo e redirecionamentos recorrentes. Precisaremos ser resilientes e pacientes com os tempos impostos pelo vírus, mas também gentis com os tempos institucionais, os diversos tempos de cada faixa etária (sendo eles os da infância, da adolescência, da maturidade e da velhice), e os de cada um singularmente, para que tenhamos todos o tempo necessário para elaborar e absorver esta situação que nos atravessa.

Em primeiro lugar, apoiamos inteiramente o completo fechamento da Escola para preservar e minimizar riscos à saúde de todos – educadores, funcionários (Direção, secretarias, cozinhas, segurança e limpeza), estudantes – e também à saúde coletiva. Dentre os muitos aspectos da adaptação a este novo momento, reconhecemos com muito enternecimento o esforço de todos os educadores e educadoras da Escola Vera Cruz em articular e enfrentar o desafio que essa situação de isolamento impõe à Escola.

Sabemos não ser possível simplesmente migrar num clique a relação de ensino e aprendizagem. Para além da falta que a relação presencial entre professores e estudantes faz em uma proposta pedagógica como a do Vera, há muito trabalho para adaptação desta proposta ao ambiente virtual. Essa adaptação não é trivial, já que não deve se tratar de uma

simples transposição de conteúdos. Para se resguardar qualidade em uma educação à distância, é preciso pensar não apenas nos conteúdos, mas também nas metodologias de trabalho. Isso exige tempo e muito planejamento por parte da equipe docente e colaboração por parte das famílias. Gostaríamos de expressar que nós, como famílias, estamos juntos para atravessar este período, contribuindo ativamente, e compreensivos em relação aos ritmos, tempos e estratégias que forem sendo postos em ação a cada momento.

Um estado de incerteza sem precedentes requer de todos nós, sobretudo, empatia e sentido de corresponsabilidade. A ética do cuidado coletivo precisa estar voltada para a integralidade física e psíquica de cada um. Para além da Escola, isso inclui também pessoas que se encontram em situação de mais vulnerabilidade social, incluindo funcionários, prestadores de serviços e pequenos comerciantes do entorno.

Nesse sentido, estamos nos organizando para oferecer uma rede de apoio, na medida do possível, para estas pessoas, visando minimizar um cenário de grande desamparo. Para além do suporte financeiro a quem precisa, esta rede pretende estimular o compartilhamento de propostas que nos fortaleçam individual e coletivamente. Com o intuito de agrupar algumas iniciativas que já estão circulando pelas comunidades de WhatsApp, e também de criar um ambiente de interação, criamos, como uma iniciativa piloto, neste momento, um mural de solidariedade na ferramenta digital Padlet – https://padlet.com/opsveracruz/MURALSOLIDARIO – em que poderemos registrar e trocar ideias, propostas e ações.

Por fim, colocamos a página de Facebook Trocas Solidárias da OPS à disposição da comunidade, para que possamos nos encontrar e partilhar experiências, receber sugestões para o fortalecimento de nossa comunidade, trocar impressões, ideias, aflições e desabafos.

Vamos juntos e juntas. Com diálogo, espírito de solidariedade, compreensão mútua e ação coletiva, certamente sairemos desta crise mais fortes e unidos.

OPS – Organização de Pais Solidários da Escola Vera Cruz

Março de 2020

Mural Solidário

Em maio de 2020, a OPS organizou o Mural Solidário, usando a ferramenta online Padlet, para anunciar contatos e serviços prestados pelos pequenos comerciantes que trabalhavam no entorno da Escola e tinham ficado sem renda em função da suspensão das aulas presenciais durante a pandemia. A intenção era possibilitar que as famílias comprassem os produtos deles para serem entregues em casa. Também foi feita uma campanha de doação de quantias em dinheiro diretamente, calculadas pelo valor médio gasto com pipoca, água de coco e guloseimas na porta da Escola.

Rede Proteção Solidária

A coordenadora do Ensino Médio, Ana Maria Bergamin, organizou a participação de voluntários na Rede Proteção Solidária, para a montagem de *face shields* doados para comunidades e hospitais carentes. Usamos a rede da OPS para convocar as famílias a participarem da linha de produção, que consistia em retirar o material na Unidade Baumann, levar para casa, montar e entregar as máscaras para que fossem todas levadas ao Gracinha, que concentrava a distribuição do material. Além do Vera e do Gracinha, a Rede contou com o apoio da Oficina Lab, que desenhou o corte para o material, Escola da Vila e Projeto Vida. Era possível colaborar montando as máscaras, apoiando na logística de distribuição dos kits, cortando material nos núcleos de distribuição, prospectando possíveis beneficiários, além de doadores, para compra de material.

Kombi carregada para levar os *face shields* produzidos pelas famílias do Vera ao Gracinha.
Fernanda Mattos, Cris Farhat (que cedeu o veículo) e Ana Maria Bergamin, na Unidade Baumann.

Feliz Dia dos Professores na pandemia

Para celebrar o Dia dos Professores em 2020, a OPS organizou dois vídeos para homenagear essa equipe tão querida e competente: um feito pelas crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental e outro pelos estudantes do Ensino Médio. Foi grande a emoção dos professores ao recebê-los, como também de toda a comunidade; nos chegaram várias mensagens de agradecimento.

Entre elas, a da Ana Maria Bergamin: "Obrigada pelo carinho, pela parceria gostosa e pelo vídeo lindo! Chorei ao ver nossos alunos e ouvir suas mensagens. Estamos precisados dessa troca, a homenagem veio em boa hora! Compartilhei o vídeo com a equipe, que está emocionada também. Muitos comentários em nosso grupo, muitos corações. Hoje foi um dia especial, de trocas de afetos bons. Que bom! Beijo grande para as famílias da OPS".

A professora Paula Sesso, do 5º ano, escreveu: "Estamos vivendo tempos bastante atípicos e cheios de incertezas. Talvez a convicção de que cuidado e afeto no compromisso de fazer nossas crianças crescerem e aprenderem seja o que nos encoraja a seguir com o trabalho. É possível percorrer este caminho quando estamos

juntos, inteiros e dispostos a encarar o tremendo desafio, não é mesmo? Fiquei bastante emocionada ao assistir ao vídeo da OPS. Quanta delicadeza no gesto! Simplicidade e verdade são mesmo marcas que nos identificam. Excelente forma de lembrar o dia e de reiterar a escolha de nossa profissão! Parabéns aos alunos e pais que idealizaram e produziram o vídeo: manifestação pura de reconhecimento e alegria!".

Renata Blois, da Comunicação do Vera, também agradeceu à OPS pela iniciativa, e os vídeos foram compartilhados nas redes sociais da Escola para que mais gente pudesse ver e homenagear os professores naquele difícil primeiro ano de pandemia.

> *A convicção de que cuidado e afeto no compromisso de fazer nossas crianças crescerem e aprenderem é o que nos encoraja a seguir com o trabalho. É possível percorrer este caminho quando estamos juntos, inteiros e dispostos a encarar o tremendo desafio, não é mesmo?*
>
> Paula Sesso, professora do 5º ano.

6 Depoimentos
em ordem alfabética

Pag. 10

Ana Maria Bergamin, coordenadora do Ensino Médio

A OPS demorou para chegar ao Ensino Médio. Vivemos um tempo – já não sei dizer quanto! – em que as famílias da OPS estavam pelas unidades dos alunos menores, e pouco contato tínhamos por aqui. A primeira aproximação veio pelo Grande Arraial e a operação bonita de organizar as prendas doadas pelas famílias, junto com a Elza [Maria de Brito, secretária geral do Vera]. Elza conhecia cada família, suas histórias, e tinha muita proximidade com cada uma delas nessa organização da festa. Ali, aprendi a chegar, a reconhecer as pessoas, a conhecer o trabalho que começava.

Nesse tempo, frequentei algumas palestras promovidas pela OPS, ora como mãe, ora como profissional do Vera. Temas importantes que revelavam a proximidade das famílias com a Escola e o partilhamento das preocupações.

A chegada da OPS no EM foi marcada pela presença da Priscilla Nahum e da Teresa Dantas. A aproximação da vinda de seus filhos para o Ensino Médio trouxe as duas para um encontro de apresentação. Lembro-me de algumas das perguntas trazidas naquele momento – a vizinhança, o trânsito na porta da Escola. Vizinhos praticamente não tínhamos naquele momento – o condomínio próxima ainda estava em obras – e focamos no trânsito. Pela primeira vez, as famílias do EM foram envolvidas na campanha. Foi bom fazer junto!

De lá para cá foram vários encontros. E uma aproximação da OPS a questões relacionadas à Escola da adolescência e às formas de fazer a parceria. A Troca Solidária e o Café Solidário da festa junina foram marcos importantes. E a presença da Marília, trazendo os temas, convidando as famílias, articulando as aproximações, foi sempre muito importante.

Nesse caminho todo, foi na pandemia que fiz minha maior aproximação com as famílias. O trabalho na Rede Proteção Solidária e a ocupação de nossa oficina com as máscaras nos colocou para trabalhar juntos. Foi uma jornada bonita e forte! Mais de 30 famílias, um desejo comum de apoiar os profissionais de saúde que ocupavam a linha de frente do cuidado com os doentes e uma energia muito bacana de mobilização e organização. Aprendi ali a usar bem um grupo de WhatsApp! E conheci muita gente bacana, mães e pais que passaram por aqui nesse trabalho compartilhado!

Que a solidariedade siga nos reunindo e nos oferecendo caminhos para fazermos juntos essa escola bonita e viva que é o Vera!

Será que minha memória é fiel aos acontecimentos? Não sei. Mas acho que está valendo o sentido que essas lembranças trazem. A OPS chegou devagar no EM, mas veio para realizar coisas bacanas!

Pag. 10

Angela Fontana, coordenadora do G5 e do 1º e 2º ano

Escrevo em 2021, ano do centenário de Paulo Freire, que nos diz que "esperançar é se juntar ao outro, para fazer de outro modo".

Resgatar a história da OPS, em 2021, é um lindo presente. Este ano, inauguramos o Projeto Travessias: recebemos as crianças negras e suas famílias, e nos colocamos a pensar, como comunidade, nos muitos movimentos necessários para que possamos construir, cada vez mais, a escola como esse lugar de muitos, para que todos possamos esperançar.

Sobonfu Somé, filósofa de Burkina Faso, diz em *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras*

de se relacionar: "A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras".

Nessa busca por uma educação antirracista, encontramos a potente ideia "eu sou, porque nós somos", e nos lembramos do provérbio africano: para educar uma criança é preciso toda uma aldeia.

Desde seu início, do meu ponto de vista, a OPS representou a concretização da utopia de uma comunidade que educa. Comunidade que se cuida, que soma esforços e que tem no bem comum o grande valor.

O que é escola senão esse lugar onde, ao aprender, sujeitos se constituem, e nessa construção se percebem pertencentes, partes fundamentais de algo maior? Levar adiante essa tarefa, neste mundo que valoriza predominantemente o individualismo, o esforço solitário, o sucesso a qualquer custo, o consumismo, não é tarefa fácil. Nessa jornada, contar com muitos braços, além de muito bom, é, para mim, a única forma de tornar essa tarefa possível.

Parte importante do meu amadurecimento profissional aconteceu dentro do Vera (cheguei muito jovem). Nesse percurso, fui entendendo o que era pertencer a uma comunidade educadora, o que era fazer junto, coconstruir e, devagar, pude descobrir e me encantar com a potência dessas construções a muitas mãos. A OPS é, com certeza, uma das responsáveis por meu encantamento.

Acompanhar o esforço nas primeiras campanhas para cuidarmos do trânsito do entorno, a alegria do cafezinho das festas juninas, o engajamento para colocarmos em pé a Troca Solidária ou o empenho na organização das muitas mesas de discussão oferecidas à comunidade, entre tantas outras iniciativas de cuidado,

foi sempre um enorme prazer e um grande privilégio. Um alimento para podermos esperançar!

Fico feliz com a iniciativa de resgatar essa história. Além de não deixar essa importante história se perder, me dá a oportunidade de agradecer. Agradecer à OPS e à Direção da Escola por dedicarem tempo e energia nessa aventura que é "fazer junto". Apesar de ser essa a única saída, sabemos que para que isso aconteça de verdade é preciso sempre muito trabalho, pois pressupõe diálogo, escuta, disposição para inventar caminhos, avaliá-los e, sempre que necessário, abertura para redirecioná-los. Exercícios muito exigentes e fundamentais para a vida em comunidade – única forma para que possamos fazer, deste presente, a possibilidade de um lindo futuro. Todos ganhamos com isso.

Vida longa à OPS!

Pag. 10

Caroline Chang, mãe da Dora

Na noite de 9 de maio de 2019, a Escola Vera Cruz, conjuntamente com a OPS, promoveu o encontro com o pedagogo Fernando Almeida, que tinha como título "O que esperamos de uma boa escola, hoje?". Estavam presentes famílias, representantes do corpo docente e funcionários. Na dinâmica de grupo em que os participantes foram convidados a elencar o que gostariam de manter na Escola e o que gostariam que mudasse, um desejo foi virtualmente unânime: mais diversidade – sobretudo racial – era uma das coisas que a grande maioria gostaria de ver na Escola.

A partir desse "encontro de insatisfeitos", começaram a se reunir para tratar dessa questão representantes de algumas famílias.

Pessoas majoritariamente brancas, que até então não se conheciam, encontraram no incômodo em comum o incentivo para se aprofundarem na questão. Se a educação é um instrumento para a mudança social, como afirmava Paulo Freire, por que uma escola construtivista e humanista como o Vera Cruz era habitado por tão poucos negros?

Não demorou até o grupo diagnosticar que a necessidade de mais diversidade racial na Escola passava por pelo menos quatro frentes de trabalho, ou pilares: 1) mais diversidade no corpo docente; 2) mais diversidade no corpo discente; 3) revisão curricular; 4) sensibilização da comunidade para a questão racial.

Com incentivo da Direção da Escola, essas mães e pais se organizaram para pesquisar práticas e experiências prévias na Escola e em outras instituições, o que ocorreu durante todo ano de 2019 e também 2020.

Em meados de 2020 – primeiro ano da pandemia de covid-19 –, estava praticamente pronto o germe do Projeto Travessias. De uma iniciativa que buscava mais diversidade no espaço escolar passou a ser, claramente, um projeto de educação antirracista. O Travessias previa um programa de bolsas, idealizado pelos familiares de alunos em conjunto com a Direção da Escola. As bolsas seriam concedidas à guisa de reparação histórica para 18 alunos do G5 (três crianças por sala) autodeclarados negros ou indígenas até um certo limite socioeconômico, além do pagamento de auxílios de permanência para custeio de transporte, lanche etc. A Escola se comprometeu em aumentar o número de professores e coordenadores negros e indígenas, o que ocorreu já nas contratações feitas na virada de 2020 para 2021. Travessias, no plural – a última palavra de *Grande sertão: veredas* –, porque se acreditava que os atravessamentos seriam múltiplos, de parte a parte.

Em 2021, ingressaram na Escola Vera Cruz as primeiras 18 famílias bolsistas do Travessias. A Escola se comprometeu com a vida escolar de todos os alunos ingressados, num compromisso vultuoso de longo prazo. A captação era majoritariamente feita pela Associação Travessias – instituição constituída por membros da comunidade de famílias para financiar o programa de bolsas por meio de doações de familiares, ex-familiares e empresas. O primeiro ano do projeto foi um sucesso, e as reverberações foram sentidas em todas as unidades da Escola, em vários âmbitos. A OPS, por exemplo, compilou o Leituras pela Diversidade, com sugestões de leituras para várias idades, que podem ser baixadas usando QR Code. A repercussão foi extremamente positiva, inclusive na imprensa, e outras instituições de ensino de São Paulo passaram a olhar para o Travessias. Em 2021, em função de desacordos quanto à captação de recursos para o programa de bolsas, a Associação Travessias e a Associação Universitária Interamericana realizaram um distrato, a partir do qual a continuidade do Projeto Travessias é internalizada pela Escola. Em janeiro de 2022, ingressaram no Vera mais 18 famílias bolsistas, e o sonho de uma educação antirracista segue em construção, com dedicação e apoio dos profissionais da Escola, da comunidade e dos alunos.

Claudia Visoni, mãe do Alex e da Julieta

Pag. 10

Pag. 25

Que delícia poder mergulhar nessas memórias! A OPS entrou na minha vida bem no comecinho da sua existência, em 2005. Depois das três fundadoras (Dora Correa, Priscila Nahum e Maria Lúcia Gadotti), sou a primeira integrante do grupo. Meus filhos tinham três anos e estavam cursando o Jardim 1 no Verinha. Sim, eu sei que os nomes todos mudaram. Hoje seria o G3 (acho) e eles estariam no Verícula. Sou mãe de gêmeos, Julieta e Alex Calliari, então cada fase da infância deles foi vivida com intensidade dupla.

Lembro-me muito bem da sensação que tive na primeira reunião de que participei. “Achei meu lugar no mundo”, foi o que disse a mim mesma no carro, tarde da noite, voltando do encontro. Eu não fazia ideia de que o ativismo se tornaria minha principal ocupação uns dez anos depois. E que o ativismo me levaria para a política partidária em 2018, quando fui eleita codeputada, com outros oito ativistas, no primeiro mandato coletivo da Assembleia Legislativa de São Paulo.

A OPS é uma minissérie que roda na minha cabeça e no meu coração até hoje. Então, vou contar uns episódios em ordem cronológica:

As primeiras reuniões estavam cheias de gente e cheias de demandas. Aconteceram motivadas pelo pânico causado após um incidente com arma de fogo na praça em frente ao Verão. Pais e mães assustadíssimos, com razão, buscando maneiras de garantir a segurança dos filhos. Havia muitas reivindicações para a Escola, a polícia, a Prefeitura… Mas não há solução fácil para problemas complexos. As pessoas foram cansando. E diminuía a participação de um mês para o outro. No final, sobraram umas gatas pingadas, sendo que Dora, Priscila, Maria Lúcia e eu éramos as mais assíduas. Aos poucos, em vez de reivindicar, começamos a nos perguntar o que poderíamos fazer em prol da comunidade escolar, do coletivo de famílias, da cidade, do Brasil e do mundo. Invertemos o jogo. Deixamos nossos interesses pessoais em segundo plano para focar o bem comum. Essa é a essência do ativismo.

As conversas mensais eram ótimas. Sobretudo para mim, que naquela altura tinha os filhos menores do grupo. Ouvir experiências de outras mães que haviam passado por várias situações que eu estava enfrentando já era motivo suficiente para eu amar a OPS. Começamos a ser questionadas: o que vocês fazem? E não tínhamos

respostas. Estávamos tentando encontrar caminhos. Até que decidimos colocar a cara no mundo e criar uma primeira ação. A campanha "Só um minutinho", que aconteceu em 2006, nos colocou nos portões da Escola durante a saída, conversando com pais e cuidadores, alertando para o prejuízo de estacionar em fila dupla, para as outras pessoas. No ano seguinte, fomos além e criamos a "Semana do Trânsito Vera Cruz". Definimos a ética do embarque e desembarque escolar como campo de atuação por motivos muito estratégicos: a calçada e o portão da Escola são a fronteira entre o espaço escolar, o espaço público e o espaço familiar.

Em 2008, mudamos de patamar de atuação. Criamos uma programação anual de eventos, com quatro palestras de especialistas renomados. O público-alvo era sobretudo pais e mães de alunos, e decidimos focar em temas da atualidade relacionados à vida em sociedade e à educação não pedagógica. A OPS nunca quis interferir no conteúdo das aulas. Sempre olhou para o tal ponto de convergência entre a vida familiar e cidadã. Foram muitas palestras e muitas pessoas ilustres que vieram de graça falar à comunidade do Vera Cruz. Mario Sergio Cortella, Lídia Aratangy, Luiz Cabrera, Ilana Pinsky, Gisela Wajskop e muitos outros, ao longo de vários anos. Até fui palestrante, em 2014, num debate sobre a crise hídrica. Éramos dedicadas e organizadas. Fazíamos reuniões prévias com cada palestrante para contar por que o tínhamos convidado, por que aquele tema era prioritário no momento, o que esperávamos do encontro. Ou seja, alugávamos nossa convidada ou nosso convidado por duas vezes, sem oferecer dinheiro. Aliás, essa era uma regra de ouro da OPS: não pagamos, não recebemos, não doamos, não arrecadamos. Tudo feito na economia do afeto e do desejo de melhorar o mundo.

Em 2009, inventamos a Troca Solidária. Um superbrechó de uniformes, livros e materiais escolares que se tornou a ação mais

famosa da OPS Vera Cruz. O assunto tem um capítulo especial neste livro, então não vou me aprofundar. Lembro-me de muuuuito trabalho, de nos primeiros anos carregar (com a ajuda das pioneiras) e guardar na minha casa por todo o período de férias escolares o material da troca. Até que finalmente conseguimos parceria com a Escola e o esquema ficou mais integrado. E cada vez maior, mais importante, mais trabalhoso, trazendo mais realizações.

Nessa minissérie da OPS que roda na minha cabeça tem cenas deliciosas das festas juninas, dos eventos loucos que inventávamos (como o dia de brincadeiras na rua, para comemorar o Dia Mundial Sem Carro, que teve chuvarada e alguns poucos gatos pingados tentando salvar a programação), das conversas com alunos sobre uso consciente das novas tecnologias de informação. Lembro-me também das dificuldades de relacionamento com a Direção da Escola, que sobretudo nos primeiros anos não punha muita fé no nosso trabalho. Quem chegou depois não imagina o que foi semear a cumplicidade em solo não muito receptivo. Mas deu certo, e ouço dizer que hoje em dia há muito mais integração entre o grupo e a Escola. Ótimas memórias também dos incríveis ChOPS, as conversas na pizzaria depois das reuniões, sempre muito alegres. E nesses capítulos todos vejo meus filhos crescendo. De reunião em reunião, de ação em ação, eles foram se tornando crianças grandes, depois adolescentes, depois foram para o Ensino Médio. O dia a dia escolar começou a se distanciar da minha rotina. E o momento de me afastar da OPS foi se aproximando. Eu só não imaginava que seria de uma hora para outra.

Em 2017, eu estava completando 12 anos de OPS; marcou-se uma reunião com pauta recheada na minha casa. Algumas horas antes eu tinha machucado a mão fazendo faxina. Não dei bola e fui praticar pilates. O resultado da pressão e do esforço físico em cima do ferimento causou uma inflamação dolorosíssima.

As pessoas chegaram para a reunião, tive que deixar meus filhos como anfitriões e fui levada pelo pai deles para o pronto-socorro. Percebi nesse dia que minha missão estava cumprida. Que a Organização estava em ótimas mãos. E que a OPS tinha me ajudado muito a criar filhos melhores para o mundo. Não vou citar os afetos e as pessoas que conheci nesses 12 anos. São muitas e maravilhosas. Algumas viraram amigas para sempre. Minha filha Julieta, agora adulta, virou ativista. Outro dia a ouvi dizer que é ativista desde que nasceu porque aprendeu em casa a olhar o mundo como quem vai fazer de tudo para melhorá-lo. Sou muito grata à OPS Vera Cruz por ter sido minha escola de ativismo.

Pag. 10

Eloisa Ponzio, ex-coordenadora do 3º ao 5º ano

Pag. 18

> Uma política da humanidade comportaria a preocupação de salvaguardar indissoluvelmente a unidade e a diversidade humana: o tesouro da unidade humana é a diversidade humana, o tesouro da diversidade humana é a unidade humana. Ela estaria atenta a preservar as culturas ameaçadas pela homogeneização e pela padronização.
>
> Edgar Morin, *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus.*

Nesse pequeno trecho do livro do filósofo francês Edgar Morin mora a educação. Entendo a escola como o lócus do conhecimento e da aprendizagem; no entanto, considero que seu maior patrimônio são as relações interpessoais. Diariamente, professores, estudantes, famílias e demais atores educativos que compõem a equipe escolar constituem sua identidade institucional e espessam a experiência coletiva. A escola é o lugar do coletivo, portanto, do diálogo.

Em 2011, fui apresentada à OPS pela querida Stella Mercadante, diretora da unidade Verão. À época, eu coordenava o chamado nível 2, e a mudança do Verinha para o Verão representava um rito de

passagem para as crianças que iam para o 3º ano e para as famílias e tinha o sabor de crescimento. Foi uma maravilhosa surpresa, e uma honra, ganhar lugar na relação escola-família, Vera Cruz-OPS.

A OPS, formada por um grupo de pais e mães muito participativos e dispostos ao diálogo, compunha com a Escola compromissos como o da participação democrática, o do falar e do escutar. As ações da OPS, em princípio com as famílias, dedicavam-se a abrir espaço para os relatos de experiências e relevo aos temas que as preocupavam. Com o tempo, a atuação ampliou-se para além dos encontros entre adultos e chegou às salas de aula. O tema da internet, batizado de Navegações, foi discutido com as turmas do 5º ano e passou a ser trabalhado pela orientadora, professoras e as crianças.

Considero que a relação entre a Escola Vera Cruz e a OPS é uma prática da "política da humanidade". Uma prática na qual o singular e o plural, o coletivo e o diverso, conjugam o mesmo verbo, o educar, contribuindo, a partir de seus diferentes pontos de vista, para um mundo mais democrático e solidário. Que surjam outros diálogos como esse!

Pag. 10

Elaine Gurovitz, mãe do David e do Yuri

Pag. 49

Se me perguntarem como fui parar na OPS, nem eu mesma sei dizer. O fato é que buscava fazer um trabalho voluntário e a OPS tinha uma proposta interessante que logo me atraiu.

Aos poucos, comecei a participar das reuniões e me identifiquei com o grupo. Adorava as reuniões, a diversidade de opiniões e as discussões. Melhor ainda era a pizza da Dona Rosa depois das

reuniões, quando o papo rolava solto, assim como as risadas. Eram momentos de descontração e integração.

Com a saída de uma voluntária (Priscila), fiquei responsável pelo Café Solidário da festa junina da Escola. Inicialmente, tive receio de que alguma coisa pudesse dar errado, mas a rede formada pelas pessoas da OPS sempre me apoiou e nunca me senti desamparada. Decidi reunir em um arquivo de Word todos os procedimentos necessários para montar o Café Solidário da barraca da OPS que a Priscila me passou – nomes e telefones dos fornecedores, produtos que deveriam ser comprados, itens da barraca etc., passados por Priscila.

Lembro que, no primeiro dia do Café Solidário, o forno pifou, mas Nelson, meu marido, que é engenheiro mecânico, improvisou e conseguimos fazer os pães de queijo. Foi uma experiência incrível e bastante divertida! O Café Solidário era um ponto de encontro onde jogávamos conversa fora.

Também fui voluntária da Troca Solidária. Para mim, essa foi uma das atividades da OPS que mais impacto teve na comunidade e a que eu mais admirava. Era uma loucura! Os pais aderiam em massa. O movimento era intenso pela busca de uniformes e livros. Não parava um minuto de organizar uniformes e livros. Mais tarde, meus filhos saíram da Escola, e a escola para a qual eles foram implantou também a troca solidária, baseada na experiência da OPS.

Enfim, ambas as experiências foram marcantes para mim e para a minha vida. Grandes aprendizados e o sentimento de comunidade foram a marca dessa época para mim. Foram bons tempos, que guardo com afeto em minha memória.

Pag. 10

Fernanda Salles, mãe do Martin e da Eva

Pag. 71

O Busapé, assim como o projeto de Educação para a Rua, nasceu da nossa percepção, como mães e pais, de que, se o trânsito no Brasil é um lugar desorganizado e violento, com péssimos indicadores de desenvolvimento, a porta das escolas, que deveriam refletir a educação que se pretende em seu interior, é, com raríssimas exceções, mais um lugar de deseducação no que tange esse tema.

Após episódios de assalto no bairro da Escola, alguns pais procuraram a OPS para relatar que se sentiam inseguros nas ruas e buscavam apoio para ampliar a segurança privada e a colocação de câmeras não só na porta das três unidades, o que já havia em boa quantidade, como nas quadras do entorno. Esse foi o disparador para debater a questão da ocupação do espaço público, no qual a presença das crianças era não apenas desejável, como também devia fazer parte de sua educação, numa cidade onde os carros há tempos imperavam. Além disso, esse tema se relacionava com o de outro debate que a OPS organizou (Corpo em Movimento), sobre como a educação e a escola formal abordavam a questão do corpo da criança na escola, depois que algumas crianças se machucaram na Escola e foram proibidas de correr no Verão. Identificamos como o desenvolvimento das crianças contava cada vez menos com espaços amplos.

A exemplo de projetos em países como França, Espanha, Austrália, Estados Unidos e Colômbia, a ideia do Busapé era promover a formação de grupos de “ônibus a pé”, com crianças que moravam no entorno e com o envolvimento de adultos e suas famílias. Em São Paulo, a iniciativa já acontecia, com sucesso, no Colégio Equipe, na região do bairro de Santa Cecília – graças ao projeto “Carona a Pé”, da professora Carolina Padilha.

Fizemos pesquisas com a comunidade escolar e convidamos a comunidade para bate-papos sobre o assunto, a partir do encontro temático "Aprender a caminhar, caminhar para aprender – reconhecendo a rua como espaço educativo". Além disso, algumas pessoas da OPS passaram a frequentar reuniões do Conselho de Segurança Pública (Conseg) no bairro de Pinheiros.

Joana, que morava bem perto da Escola, envolveu-se bastante com esse tema e organizou um grupo para pintar uma faixa de pedestres onde faltava uma, perto do Verão.

Desenhamos o lindo projeto "Mobilidade no entorno da escola", que resumidamente propunha:

1) Dialogar com todas as escolas do bairro.

2) Dialogar com a CET para promover alterações em faixas e faróis, com o público na rua, diminuição da velocidade dos automóveis nas ruas e avenidas próximas da Escola.

3) Educar para o trânsito dentro da Escola e com as famílias.

Inscrevemos a proposta no prêmio Mobilidade Minuto, em outubro de 2016, a qual foi selecionada entre os três finalistas. A ideia era buscar apoio para colocá-la em prática.

O que mais me empolgava nas atividades que desenvolvíamos na OPS, além do chOPS e das reuniões de trabalho, era a organização das palestras e debates.

Pag. 10

Heitor Fecarotta, diretor geral do Vera

Pag. 20

Feliz a escola que pode contar com um grupo de pais que se organiza de forma solidária e voluntária com o único propósito de criar e amplificar ações educativas para o fortalecimento de toda a comunidade escolar.

Meus mais sinceros votos de vida longa à OPS Vera Cruz, e que as futuras gerações nunca percam de vista o extremo valor da manutenção e do estreitamento dessas relações, nem sempre fáceis entre escola e pais, pautadas pelo fortalecimento dos vínculos de confiança e pela busca de maior coesão de nossa comunidade.

Um abraço a todos!

Pag. 10

Jussara Ferreira, gerente administrativa do Vera

Pag. 20

> Todas as influências são parte de mim, que dão vazão na palavra que constrói e inventa. O jovem nem sabe explicar. Mas era como se o mar, com seus infinitos, lhe desse um alívio de sair daquele mundo. Só há um modo de escapar de um lugar: é sairmos de nós.
>
> Mia Couto, em *A confissão da leoa.*

Quando tive contato com o grupo da OPS pela primeira vez, foi em uma situação bastante operacional. Na ocasião, eu não poderia me dar conta dos infinitos dessa relação que começava com a organização de barraca para o Grande Arraial, busca de espaço na Escola para fazer troca de materiais entre as famílias, parceria no envio de comunicações...

Até que esse mar em que se transformou a Organização de Pais Solidários, por apresentar um grande poder de influência positiva,

começou a fazer parte do cotidiano das famílias e da Escola, iniciando uma construção coletiva para um caminho sem volta.

Meu contato com a OPS foi intenso, apesar de sazonal no início. Falávamos muito nos meses que antecediam o Grande Arraial Vera Cruz ou o período de venda de material. Mas o que elas trouxeram com a criação da OPS era algo que não se limitava às questões operacionais de um ou outro projeto. Elas trouxeram para discussão questões perenes, que levavam os envolvidos a saírem de si mesmos e a enfrentarem os desafios impostos por uma sociedade ainda superficial, consumista, imediatista. A OPS nos ajudou a escapar de um lugar confortável, porém, não sustentável.

A OPS tem vida longa! O reinventar de cada ano desse grupo, desde sua criação, aponta que o pilar do trabalho é a sustentabilidade das relações. Da relação das pessoas com elas mesmas, delas com outras pessoas, delas com o lixo que produzem, delas com o consumo, delas com o mundo! E se todas as influências são parte de mim, a OPS tem um lugar especial na minha trajetória profissional e pessoal.

Pag. 10

Marcelo Chulam, diretor de gestão do Vera

Pag. 61

A existência, o formato constituído e as iniciativas da OPS, como organização de pais, são um grande orgulho para nossa comunidade e um exemplo de uma relação construída na prática, que mostra, de um lado, as famílias incríveis que estão no Vera e, de outro, a disposição da Escola em fomentar um projeto democrático e de parceria verdadeira com a sua comunidade. Não conheço nenhuma outra organização que tenha a qualidade do vínculo que foi estabelecido entre a OPS e o Vera,

e isso permitiu, ao longo de 15 anos, a construção de projetos maravilhosos – os inúmeros eventos de sensibilização, as ações comunitárias, a participação na festa junina, a Troca Solidária, e, mais recentemente, o Projeto Travessias.

Participei, diretamente, da formação da Troca Solidária, em 2014. Construímos com um subgrupo da OPS (Joana Canedo, Claudia Visoni, Marília Campos de Oliveira e Telles, Joana Tuttoilmondo) este projeto incrível de reciclagem de materiais – livros, uniformes, pastas, cadernos. O projeto já permitiu o reúso de dezenas de milhares de itens que representam 15 toneladas de material, com impacto financeiro para as famílias e, mais importante, sendo muito relevante para a formação de alunos críticos e conscientes de seu papel no mundo. É o papel educacional totalmente vinculado com a comunidade. O projeto está tão incorporado à cultura do Vera que, nos últimos anos, a troca passou a ocorrer diretamente no momento da compra de materiais pela internet (ao escolher seu material – a família opta por um novo ou um reciclado – este, a custo zero).

Desde 2019, um grupo da OPS, a partir de um evento organizado com a Escola ("O que é educação de qualidade", com Fernando Almeida), vem construindo conosco, em um processo de intensa parceria e em caráter comunitário, o projeto de educação antirracista no Vera. Foram inúmeras ações sobre o nosso lugar na sociedade para construirmos um projeto transformador. O projeto tem cinco dimensões de trabalho que abrangem a complexidade de uma educação antirracista, sendo uma delas o oferecimento de um programa de bolsas que pretende atingir mais de 200 alunos em uma década, e pede de nós humildade para aquilo que não sabemos e que vamos construir juntos, famílias e escolas. Totalmente inovador, comunitário e sem paralelo: é um exemplo para outras escolas e para a sociedade brasileira.

Pag. 10

Maria Lúcia Menezes Gadotti,
mãe da Victória e da Lorena

Pag. 45

Sou uma das mães que fundaram a OPS, ao lado da Dora Holzheim, Priscila Nahum, Claudia Visoni e tantas outras pessoas que, ao longo do tempo, se tornaram queridas amigas.

Lembro-me do cuidado que sempre tivemos em acolher os temas propostos pelos pais, decorrentes de seus anseios, dores, preocupações, mas sempre afastando aqueles que, de alguma forma, abarcassem aspectos pedagógicos, pois nunca foi propósito da OPS imiscuir-se nas atribuições da Escola.

A mesma atenção e cuidado tínhamos na escolha dos palestrantes, que cederam seu tempo, conhecimento e experiência de forma totalmente gratuita, já que, como a OPS nunca contou com recursos financeiros próprios, não havia como remunerá-los. Em nome da OPS, agradeço a cada um desses profissionais, cujos nomes deixo de citar, já que em sua existência de mais de 15 anos, no momento da elaboração deste texto, inúmeras palestras foram realizadas ao longo deste período e não queremos cometer o equívoco de não mencionar qualquer um deles. Todos foram importantes, todos fizeram diferença na vida da comunidade Vera Cruz.

A maior parte das palestras se deu no auditório do prédio do Verão, por acomodar, à época, o Ensino Fundamental e contar com o maior número de alunos (e pais).

O primeiro tema levado a debate, em novembro de 2006, foi o da segurança ao redor da Escola, já que foi ele o primeiro motivo de união dos pais em torno de uma preocupação comum, pautada em evento ocorrido nos arredores, durante o recreio na praça. Foram convidados três palestrantes para falar sobre o tema “A convivência é

o oposto da violência", que contou com a participação de Denis Mizne (fundador e diretor executivo do Instituto Sou da Paz), de Yves de la Taille (especialista em Psicologia Moral) e Marcelo Suzuki (urbanista). O auditório do Verão estava lotado e o debate foi intenso.

Em novembro de 2007, organizamos "Um diálogo sobre ética: acreditar? Resistir? Desesperar?", com o filósofo e professor Mario Sergio Cortella. Mais uma vez, casa cheia, palestra intensa, muitos questionamentos e reflexão sobre tema tão profundo.

Em março de 2008, convidamos Maurício Souza Lima, médico hebiatra e psicólogo. O tema, "Vamos falar sobre nossos adolescentes?", atendeu a uma preocupação comum dos pais dos ensinos Fundamental e Médio acerca dessa fase tão inquietante para a família.

Ainda sobre a adolescência, em maio de 2008, conversamos, com Ilana Pinsky, psicóloga e professora da pós-graduação do Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina, sobre drogas lícitas e ilícitas. Em agosto do mesmo ano, passeamos pela infância, refletindo sobre o que mudou na infância desde que éramos crianças, com a participação de Gisela Wajskop, professora doutora em Metodologia e Educação Comparada. Em outubro do mesmo, Lídia Aratangy, psicóloga e escritora, dissertou sobre os desafios da educação em uma sociedade de consumo.

Nesse ínterim, novos membros foram se juntando a nós, dando-nos força, energia e vigor para expandir os horizontes da OPS, inserir novos papéis em nosso rol, tratados em outros capítulos deste livro, refletir sobre outros temas, como o mundo virtual, o futuro profissional de nossos filhos, o consumo, as questões de gênero, a desigualdade racial, socioeconômica e educacional, o meio ambiente e tantos outros.

E assim seguimos, construindo um rol de temas de interesse da comunidade do Vera, sempre nos guiando pelas pautas apresentadas por pais, integrantes da OPS ou não.

Além desses grandes encontros, a OPS realizava reuniões mensais, em uma sala do prédio do Ensino Fundamental, cedida pela Escola para essa finalidade, nas quais, além de questões organizacionais e de agenda para os outros projetos que desenvolvíamos paralelamente, também debatíamos assuntos relevantes para a nossa comunidade, muitas vezes contando com profissionais especializados para uma reflexão mais direcionada.

Tenho muito orgulho de ter sido membro fundadora da OPS e ver que linda trajetória essa organização trilhou. Sou grata a todos os membros que a integraram e ainda a integram, todos imbuídos da intenção em prol de um mundo melhor, de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Pag. 10

Patrícia Bove, mãe da Giovana e do Giuliano

Pag. 68

Tudo começou quando meu filho, Giuliano, que cursava o 4º ano do Ensino Fundamental, quis se candidatar a representante de classe.

Sua professora disse aos candidatos que deveriam ir para casa, pensar em algumas coisas que eles fariam, caso fossem eleitos, e trazer suas ideias para contar para toda a classe.

Ele trouxe essa tarefa para casa, muito empolgado, e me perguntou:

— Mãe, se eu for representante de classe, posso combinar um dia, com todos os meus amigos, de irmos andar de bicicleta ou de skate no Ibirapuera?

E eu disse a ele: — Lógico, filho! Pode fazer isso e muito mais.

No dia seguinte, a professora pediu para cada candidato contar para a classe o que gostaria de fazer, caso fossem eleitos. Quando chegou a vez do Giuliano, ele contou para a classe a sua ideia e disse que todos estariam convidados. Para sua surpresa e assombro, pois entendia ser um projeto muito bacana e possível de realizar, sua professora lhe disse que aquilo não tinha nada a ver com ser representante de classe, não fazia sentido e que não tinha como ser feito.

Ele voltou para casa muito chateado e decepcionado com toda a situação. Compartilhou comigo o que tinha acontecido e eu também tive dificuldade em entender a atitude da professora.

Então, já fazendo parte da OPS há mais de um ano e conhecendo seu propósito, levei o assunto para a reunião seguinte e compartilhei com os outros pais meu inconformismo com a atitude da professora e a vontade do Giuliano de organizar um passeio "sobre rodas".

Os pais que estavam nessa reunião não só concordaram comigo que era muito factível, como também acharam a ideia superinteressante. Realizar uma atividade diferente, saudável, num parque, envolvendo não somente as crianças da classe do Giuliano; poderíamos convidar também as crianças das outras três classes do 4º ano. Nesse momento, foi lançada a semente.

A OPS foi criada por um grupo de mães que resolveu se unir e se ajudar, e esse espírito nunca deixou de ser um dos combustíveis para os eventos organizados por ela.

A semente que o Giuliano queria plantar encontrou solo fértil no grupo da OPS e a ideia se desenvolveu, tendo tomado o seguinte

formato: foram convidados todos os alunos do 4º ano e também suas famílias (pais, mães e irmãos). O encontro foi feito no Parque Villa-Lobos e cada participante pôde escolher a melhor forma de passear, desde que fosse "sobre rodas". Podia ser bicicleta simples, dupla, com quatro pessoas, skate, patins ou patinete.

O evento reuniu algumas dezenas de pessoas e foi um dia muito especial para os alunos do 4º ano e suas famílias, particularmente para o Giuliano, que viu sua ideia se concretizar, com muita alegria.

Assim, nasceu o Vera sobre Rodas, que teve três edições. Tudo isso só foi possível por causa do apoio solidário dos pais que fazem parte da OPS.

Pag. 10

Regina Nogueira, mãe do Thomaz e do Mathias

A OPS foi um divisor de águas, com sua "cidadania afetiva", na minha vida e na dos meus filhos, Thomaz e Mathias.

Vivenciei a união de pais que, pelo exemplo, estavam dispostos não só a contribuir de forma harmônica para melhorias no cotidiano do Vera Cruz, mas também a trabalhar a educação inclusiva com os filhos. Sim, a grandeza da atuação dentro de casa foi uma lição de transmitir às crianças o respeito, o cuidado e a humanidade. Como ensiná-los a ter atenção com seus materiais, os cadernos e os livros, que serviriam para outros colegas através da Troca Solidária.

O entendimento se alastrou para o olhar dirigido à comunidade e também ao planeta, pela economia de papel, pelo treino da troca e pela sensibilidade em perceber as necessidades "do outro".

As reuniões foram sempre realizadas com seriedade pela relevância dos temas, porém, com leveza, e com verdade.

Minha gratidão imensa aos colegas pais com quem tanto aprendi.

Pag. 10

Regina Scarpa, diretora pedagógica do Vera

Pag. 23

Quando cheguei ao Vera, uma das primeiras iniciativas que conheci e admirei foi a Troca Solidária. Tanto em relação a estimular o reaproveitamento de uniformes e materiais, diminuindo o consumo, quanto, e principalmente, por ser uma iniciativa da OPS Vera Cruz. Logo em seguida, Marília Campos Oliveira e Telles, uma das suas fundadoras, agendou uma reunião para me apresentar o projeto. Desde então, essa parceria com as famílias só fez crescer e, junto com ela, a convicção do quanto a participação da comunidade de pais/mães qualifica e fortalece o projeto pedagógico do Vera. O projeto de educação antirracista, nossa mais recente produção conjunta, é um grande exemplo da força comunitária da Escola.

Pag. 10

Stella Mercadante, ex-diretora e cofundadora do Vera

Pag. 20

Tenho muitas lembranças da OPS. A proposta de troca de materiais didáticos e de uniformes, as campanhas pelo trânsito na frente da Escola, a participação ativa nos aniversários do Vera (nunca ficamos sem o Café Solidário).

Fizemos muitos encontros trocando ideias voltadas para um olhar mais solidário na participação dos pais, fortalecendo o objetivo de

formar pessoas com um olhar mais amplo e comprometido com um mundo melhor para todos.

Foi a OPS que solicitou uma apresentação dos projetos sociais da Escola, o que me estimulou a organizar o caminho dessa construção para uma apresentação aos pais. Foi uma tarefa importante para registrar essa trajetória.

Espero que essa troca continue, para que nossa Escola tenha cada vez mais seu protagonismo na direção de um mundo mais solidário, mais justo e mais integrador diante das diferenças culturais.

Um abraço saudoso.

7 Cronologia

Pag. 10

2005

21 de setembro

Primeiro encontro do grupo de pais que buscavam uma participação mais efetiva dentro do espaço escolar, motivado pelos atos de violência ocorridos nas proximidades do Verão.

Dezembro — Reunião com a Direção da Escola para apresentar o projeto e consolidar a existência da associação de pais — a OPS!

2006

Março — Carta de intenções é enviada à Direção da Escola.

Setembro — Campanha: "Só um minutinho".

Novembro — Mesa-redonda: "A convivência é o oposto da violência".

2007

Agosto — Semana do Trânsito Vera Cruz 2007.

Novembro — Evento: "Um diálogo sobre ética: acreditar? Resistir? Desesperar?".

2008

Ciclo de palestras

Março — Vamos falar sobre nossos adolescentes?".

Maio — "Conversando sobre drogas lícitas e ilícitas".

Agosto — "O que mudou na infância desde que éramos crianças?".

Setembro — "Nossos filhos em perigo?".

Outubro — "Desafios da educação em uma sociedade de consumo".

2009

Abril — Evento: "O mundo eletrônico e a vida escolar e familiar".

Agosto — Evento: "O futuro profissional dos nossos filhos".

2010

Abril	Evento: “Transgressões, mentiras e furtos. Nossos filhos estão envolvidos?”.
Junho	Café Solidário no Grande Arraial.
Setembro	Evento: “Educar filhos para quê?”.
	Café Solidário no Feito por Nós (aniversário da Escola).
Outubro	Evento: “Consumo na infância”.
Novembro	Coleta de doações para a primeira Troca Solidária.

2011

Janeiro	Primeira Troca Solidária.
Maio	Evento: “Vamos falar sobre consumo?”.
Junho	Café Solidário no Grande Arraial.
Setembro	Café Solidário no Feito por Nós (aniversário da Escola).
Outubro	Evento: “Nossos filhos e o mundo virtual”.

2012

Janeiro	Troca Solidária.
Maio	Evento: “Educar em tempos de internet”.
Junho	Café Solidário no Grande Arraial.
Setembro	Café Solidário no Feito por Nós (aniversário da Escola).
	CineOPS: *Quem se importa*, de Mara Mourão, na Praça Profa. Emília Barbosa Lima.
Outubro	Evento: Como lidar com os conflitos entre as crianças.
Dezembro	“Navegações”: apresentação sobre o mundo virtual para os alunos do 5º ano, feita pelos voluntários da OPS (reapresentada, com atualizações, em 2013 e 2014).
	CineOPS: *Quem se importa*, de Mara Mourão, no Clube Alto dos Pinheiros.

2013

Janeiro	Troca Solidária.
Março	Participação na reunião do Conseg-Pinheiros.
Abril	Criação do Comitê de Segurança, em parceria com escolas da região.
	CineOPS: *Muito além do peso*, de Estela Renner, em parceria com o Movimento Boa Praça e Cine B, na Praça Amadeu Decome.
Maio	Evento: "Corpo em crescimento".
Junho	Troca de vestimentas caipiras e Vera sobre Rodas (em outubro também).
	Café Solidário no Grande Arraial.
Setembro	Pintura da faixa de pedestres, com a campanha Segurança no Trânsito.
	Café Solidário no Feito por Nós (aniversário da Escola).
Outubro	Evento: "Questões de gênero na educação".

2014

Janeiro	Troca Solidária.
Maio	Evento: "Desigualdade racial, socioeconômica e educação: do problema à prática".
	Vera sobre Rodas.
	Visita à Fundação Acorde.
Junho	Café Solidário no Grande Arraial.
Setembro	Café Solidário no Feito por Nós (aniversário da Escola).
Outubro	Evento: "A crise da água". Participação no Prêmio Mobilidade Minuto.

2015

Janeiro	Troca Solidária.
Maio	Evento: "Como ensinar ética e valores aos nossos filhos?".
Junho	Café Solidário no Grande Arraial.
Setembro	Café Solidário no Feito por Nós (aniversário da Escola).
Outubro	Troca de brinquedos na praça.

2016

Janeiro	Troca Solidária.
Fevereiro	Troca de livros na praça.
Abril	CineOPS: *O Brasil da pré-história*, de Tulio Schargel, na Unibes Cultural.
	Vera sobre Rodas.
Maio	Evento: "Aprender a caminhar & caminhar para aprender: reconhecendo a rua como espaço educativo".
Junho	Café Solidário no Grande Arraial.
Setembro	Café Solidário no Feito por Nós (aniversário da Escola).
Outubro	Evento: "Família, escola e comunidade: fronteiras da educação – 10 anos da OPS".

2017

Janeiro	Troca Solidária.
Maio	Evento: "Gênero se aprende".
Junho	Venda das camisetas na barraca do Café Solidário no Grande Arraial (*upcycling*).
Setembro	Evento: "O sono na adolescência".
	CineOPS: *Leões de Paraisópolis – o rugby que vem da favela*, de Danilo Mantovani e Guga Ferri, na Unibes Cultural.
	Café Solidário no Feito por Nós (aniversário da Escola).

2018

Janeiro	Troca Solidária.
Junho	Café Solidário no Grande Arraial.
Setembro	Café Solidário no Feito por Nós (aniversário da Escola).
Outubro	Evento: "A Escola como espaço democrático em tempos de polarização política".

2019

Janeiro	Troca Solidária.
Maio	Evento: "O que esperamos de uma boa escola hoje?".
Junho	Café Solidário no Grande Arraial.
Agosto	Evento: "Diversidade racial".
Setembro	Evento: "Representatividade importa?".
	Café Solidário no Feito por Nós (aniversário da Escola).

2020

Janeiro	Troca Solidária – fichários também são ofertados para reutilização, junto com a venda online de material escolar.
Maio	Mural Solidário online.
Junho	Rede Proteção Solidária.
Agosto	Evento: "Educação antirracista".
Outubro	Vídeos dos alunos, editados pelas famílias, em homenagem ao Dia dos Professores.
Novembro	Evento: "Comunidade em travessias: a escola como território de construção de equidade racial".

2021

Janeiro	Chegada dos primeiros bolsistas do Projeto Travessias.
Fevereiro	Troca Solidária permanente: espaço físico no Verinha para reutilização de uniformes.

8 A OPS em nós: um recado

Quisemos registrar a história do trabalho feito pela OPS em seus primeiros 15 anos para entusiasmar e incentivar mais famílias a participarem dela, a criarem novas iniciativas a partir de suas necessidades e a manterem viva, acesa e conectada a comunidade da Escola Vera Cruz.

Acreditamos que as famílias que escolhem o Vera estão unidas pela ideia de que a aprendizagem deve ser considerada como processo, mais que resultado, e que isso vale não apenas para educação escolar formal, mas para toda a vida, nas diversas redes de relacionamentos que, ao longo dela, formamos e que nos transformam.

Também acreditamos que aprendizagem não é só para crianças. Como mães e pais, aprendemos todos os dias a educar, sobre a maternidade e a paternidade, e a viver em comunidade e em sociedade. Educação não é só para nossos filhos, é para a vida, para construirmos um mundo melhor para todos nós – dentro e fora da Escola.

Além disso, palavras "produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação", como diz o educador Jorge Larrosa. As experiências vividas ganham sentido quando podemos refletir sobre como as vivemos e o que queremos fazer com o que vivemos: somos nós, indivíduos, que encarnamos este saber: "Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece", complementa Larrosa.

Ao imprimirmos sentido às experiências vividas na OPS, esperamos que outras pessoas se sintam estimuladas a criar suas próprias experiências – nesta comunidade escolar ou em

qualquer outro grupo, por meio do fazer coletivo, que permite trocas dinâmicas, unindo ética, estética e ação. O trabalho em grupo gera conhecimentos mais abundantes do que podemos alcançar sozinhos. Cada membro da comunidade contribui com a produção, dividindo as responsabilidades de forma horizontal, com espaço para reflexão crítica, em uma experiência coletiva de aprendizado que transforma a todos e constrói a consciência de que participamos da construção do mundo que habitamos.

Como ensina o provérbio africano, "se você quer ir rápido, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá acompanhado".

Que nossa experiência coletiva sirva de inspiração ou guia. Cada um de nós que participou desse trabalho aprendeu muito e continua a usar as ferramentas da colaboração em diversas outras esferas da sociedade, sempre buscando um mundo melhor para todos.

As Organizadoras

Maio de 2022

9 Participantes

Adriana Ferla
Alessandra Martins
Caroline Chang
Célia Cruz
Chris Finney
Claudia Visoni
Cristina Bonfiglioli
Denise Bojikian
Denise Kremer
Dora Holzheim
Elaine Gurovitz
Fernanda Salles
Joana Canedo
Joana Lee Mortari
Joana Tuttoilmondo
Juliana Mermelstein
Liana Mazer
Luciane Bussman
Maria Lúcia Gadotti
Maria Luísa Sampaio
Mariana Fix
Marília Campos Oliveira e Telles
Maurício Mudrik
Patrícia Bove
Patrícia Centurion
Paula Rizzo
Priscila Nahum
Regina Nogueira
Rita Camargo
Roberta Di Ricco Loria
Simone Lederman
Vinicius Cosso

Família, escola, comunidade:
15 anos da OPS Vera Cruz

Marília Campos Oliveira e Telles e Joana Canedo (orgs.)

CASA VERA CRUZ

Edição
Claudia Cavalcanti

Projeto gráfico
Kiki Millan

Web design
Ana Caroline Gomes

Revisão
Iara Arakaki

Assistente Editorial
Araceli Farias

Setembro, 2022

Catalogação: Alexandre Cardoso Leite / CRB8-7007

Família, escola, comunidade: 15 anos da OPS Vera Cruz / organizado por Marília Campos Oliveira e Telles, Joana Canedo – São Paulo : Escola Vera Cruz Edições, 2022. 134 p. : il.

ISBN:

1. Escola Vera Cruz 2. Associações de pais e mestres I. Telles, Marília Campos Oliveira e II. Canedo, Joana

CDD: 370.193

1. Relacionamento escola/comunidade - 370.193